

Os Animais: percepções, manifestações e evolução



BALTARAK
2015

Paulo Neto

os Animais: percepções, manifestações e evolução

(Data da publicação: 03.02.2023)

“A teoria e os fatos são duas coisas distintas; os erros da primeira nunca poderão destruir a força desses últimos.” (ALEXANDRE AKSAKOF)

“Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

PUBLICAÇÃO: **EVOC - Editora Virtual O Consolador**

Rua Senador Souza Naves, 2245 - CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina - Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

P355a Paulo Neto

Animais : percepções, manifestações e evolução / Paulo da Silva Neto Sobrinho; revisão Hugo Alvarenga Novaes e Rosana Netto Nunes Barroso; capa Ana Luísa Barroso da Silva Neto. - Londrina, PR : EVOC, 2023.
313 p. : il.

Capa:

https://imagens.mensagemespirita.com.br/imagens/uploads/posts_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg

1. Doutrina espírita-estudo e ensino. 2. Animais-aspectos religiosos. 3. Psicologia animal. 4. Alma. 5. Espiritismo. I. Novaes, Hugo Alvarenga. II. Barroso, Rosana Netto. V. Silva Neto, Ana Luísa Barroso da. VI. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

I - PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apresentação.....	6
Prefácio.....	10
Introdução.....	16
Considerações Iniciais.....	19

II - ANIMAIS ENCARNADOS

O que acontece com os animais após a morte?.....	27
Os animais também teriam a faculdade mediúnica?..	47
Percepções sensitivas dos animais.....	52
Casos de manifestações de animais vivos.....	76
Prováveis casos com “transmissões telepáticas”	89

III - ANIMAIS DESENCARNADOS

As manifestações de animais não seriam tão só criações mentais?.....	103
Manifestações de espíritos de animais.....	130
Renomados pesquisadores e/ou escritores do Espiritismo.....	154
Produção mediúnica e experiência de médiuns.....	202
Na TCI temos registradas transimagens de ‘pets’.....	216

IV - EVOLUÇÃO DOS ANIMAIS

Onde e quando se dá o progresso dos animais.....	221
A evolução da alma dos animais.....	231
Testificação da opinião pessoal do Codificador.....	265
Ensaio sobre o futuro dos animais, por Allan Kardec.	268

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais.....	276
---------------------------	-----

VI - BIBLIOGRAFIA E DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Bibliografia.....	290
Dados biográficos do autor.....	298

I - PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apresentação

Há muito se debate, no meio espírita, a questão do destino da alma dos animais. Diversos autores já se debruçaram sobre o tema, sendo que muitos de nós, preocupados que estamos em decodificar os complexos mecanismos relativos à alma humana, acabamos por relegar a questão a segundo plano.

Os animais, em suas mais variadas gradações evolutivas, guardam mistérios que nos cabe estudar e desvelar, uma vez que, além de conviverem conosco no orbe terrestre, representam um importante estágio pelo qual passa o princípio inteligente em sua jornada até atingir a condição de espírito.

O prezado confrade Paulo Neto, em um grande e respeitável esforço de trazer luz ao tema, conseguiu reunir, em um só lugar, tudo o que de mais importante precisamos saber para um aprofundamento sobre o tema, ressaltando que Allan

Kardec não teve tempo suficiente para sobre ele debruçar-se, frente às inúmeras frentes de trabalho que pairavam à sua frente em sua hercúlea tarefa de nos trazer as Verdades do Espírito imortal.

Nós mesmos, até lermos esta extensa e elucidativa obra, nos perguntávamos se realmente haveria animais no mundo espiritual, ou se eles logo, quase que automaticamente, ocupariam um outro corpo, não se pondo em contato com outras criaturas.

Claro que há, não podemos olvidar, a evolução anímica, pois notamos haver no mundo animal uma infinita gama de particularidades que tornam certas espécies muito superiores às outras em inteligência, mesmo que disfarçadas de mero instinto.

Cães, golfinhos e símios, todos mamíferos, por exemplo, parecem cada vez mais se aproximar da natureza humana, demonstrando habilidades intelectivas e emoções que espantam até aos mais incrédulos e desinteressados.

Com o desencarne de Allan Kardec, importantes estudiosos envidaram esforços e

pesquisas sobre a alma dos animais, tal como Ernesto Bozzano, demonstrando, por meio de provas cabais, que eles não só sobrevivem à morte do corpo físico, mas que podem até mesmo conosco se comunicar.

Convido, portanto, o leitor, a desapegar-se de ideias preconcebidas e analisar com atenção o conteúdo desta obra que, a nosso ver, é a mais completa sobre o tema até hoje publicada.

Paulo Neto reuniu estudos e relatos dos mais variados autores que, além de demonstrarem total concordância, estão calcados em fatos, dirimindo as dúvidas que geralmente surgem em função do desconhecimento sobre a existência de uma série de fenômenos.

Parabenizamos o autor e amigo Paulo Neto por esse seu trabalho, assim como sugerimos ao prezado leitor que conheça seus outros trabalhos, sempre realizados com esmero, competência e grande honestidade intelectual em prol da divulgação dos princípios e verdades que o Espiritismo tem a missão de nos revelar.

Artur Felipe Ferreira
Professor, tradutor, revisor e escritor
Niterói (RJ), 19/02/2021

Prefácio

Dentre as muitas obras já escritas pelo nosso amigo e confrade espírita Paulo Neto, algumas delas, tive a oportunidade de apreciar, em agradável leitura, um conteúdo bem fundamentado nas premissas de impecável e inquestionável valor evangélico-doutrinário.

Essa que agora chega ao público, vem com riqueza de detalhes. Realmente, é um trabalho, curioso, interessante, esclarecedor e sobretudo causa encantamento ao leitor.

Este novo trabalho de nosso amigo, e escritor espírita, intitulado - **Os ANIMAIS: suas percepções e manifestações espirituais**, faz uma abordagem interessante, sobre a sensibilidade e percepções desses nossos “irmãozinhos menores”, que ainda na condição de irracionais, debatem-se nos labirintos escuros da animalidade, galgando os primeiros degraus da longa escada da evolução do espírito, que ora, como ALMA ANIMAL, busca a

ativação dos seus conteúdos naturais ínsitos em sua intimidade, o que é atributo de todos os seres da criação.

Todos sabemos que fomos criados simples e ignorantes, ou seja, sem o conhecimento, e na intimidade de cada criatura, encontram-se latentes, potenciais inimagináveis à espera do seu despertar, o que nos recorda o doce conto dos irmãos Grimm que nos embalou, no berço do encantamento, os sonhos de criança, naquele conhecido conto, “**A Bela Adormecida**” despertada pelo “Beijo do príncipe”.

Voltando à obra em questão, e revisando nossos conhecimentos no que toca à Evolução do Princípio Espiritual, vamos encontrá-lo estagiando no Reino Vegetal, no Reino Animal e despertando no Reino Humano, trazendo na sua intimidade um potencial gigantesco, o que nos faz lembrar a parábola de Jesus, **O Grão de Mostarda**, contida nos evangelhos de Mateus 13: 31 a 32; Marcos 4: 30 a 32 e também em Lucas 13:18 a 19, onde se lê:

“O Reino dos Céus é semelhante a um grão de

mostarda, que um homem tomou e lançou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas depois de crescida é a maior das hortaliças e faz-se árvore de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos.”

Desde que lançada à gleba, ali, no aconchego da terra generosa e escura, imediatamente a pequena semente, coloca toda a sua força interior à busca de expansão, sob a tutela dos quatro elementos indispensáveis ao seu desenvolvimento – TERRA, ÁGUA, LUZ E CALOR. E o princípio espiritual ali em desenvolvimento, sob o impacto das leis naturais, desperta a sensibilidade que irá projetá-lo mais adiante, nas experiências que o instinto animal agrega às conquistas do espírito em evolução.

Voltando a falar da obra em cujo prólogo deixamos aqui as nossas melhores impressões, e que nos encantou à leitura, não só pela qualidade das informações ali contidas e retiradas de um acervo literário indiscutivelmente impecável e confiável, como também pelas interessantes abordagens e a vivacidade literária que caracteriza o estilo do nosso amigo escritor.

É uma obra muito esclarecedora, de leitura fácil e inteligível, onde o leitor encontrará muitas informações sobre o mundo animal, suas percepções, sua sensibilidade, ainda para muitos de nós desconhecida.

Mas o progresso inestancável, ao longo dos séculos tem aproximado o homem do animal, para que este, em contato com aquele, pudesse, pouco a pouco ir assimilando os componentes vibratórios da “astralidade humana”, que lhe vai auxiliando na precipitação da sua “psiquê” nos rumos da evolução natural, dentro do contexto pertinente a seu espécime, na qual, sua alma ainda estagiará por incontáveis milênios.

Aí, vem aquela dúvida... Os animais têm alma? Não seria apanágio somente dos homens?

Em se tratando dos animais, como é o caso da obra em questão - **Os ANIMAIS: suas percepções e manifestações espirituais**, diríamos, conforme nos ensina *O Livro dos Espíritos*, no seu capítulo XI, da segunda parte da obra, onde trata dos Três Reinos, questão 597, que esclarece e afirma: **OS**

ANIMAIS TÊM ALMA, SIM! Vejamos como escrito:

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

“Há e que sobrevive ao corpo.”

a) - Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”

Partindo da premissa de que os animais têm alma, certamente terão suas percepções e manifestações tanto em vida como depois da morte do corpo, o que está muito bem elucidado na obra do nosso amigo Paulo Neto.

Recomendamos, portanto, a leitura desta obra que apresenta interessantes e seguros

apontamentos sobre os animais, os quais vem abrir novos horizontes ao conhecimento humano, desvendando os mistérios que envolvem a vida desses nossos **“irmãozinhos menores”**.

O encantamento que nos envolve durante a leitura, certamente, não só nos esclarecerá sobre o tema, como também dar-nos-á prazerosos momentos literários, pois quem lê, também viaja pelo imensurável universo do conhecimento. Portanto, leitores a bordo! Viajemos, enfim, pelo encantado mundo animal!

Eliane Alves Batista
Expositora Espírita e Escritora
Belo Horizonte (MG), 08/01/2020

Introdução

Acreditamos ser fácil a qualquer um perceber a enorme curiosidade das pessoas, até mesmo entre as não-espíritas, sobre o que acontecerá com os animais após a morte. O motivo disso é óbvio: parcela significativa da população tem animais de estimação, os chamados “pets” (1).

O laço de amor que se estabelece entre os donos e seus animais é algo muito evidente. Quando morrem, seus tutores derramam copiosas lágrimas. Algumas vezes, até mesmo dos amigos desses, que lhes compartilham a dor da perda.

Os “de fora” jamais entenderão a dor e nem a saudade que as pessoas têm pelos animais de estimação, certamente, só quem possui ou teve um terá condição de avaliar.

As colocações que serão feitas, de forma especial, se aplicariam aos animais superiores ou mais inteligentes. Os Espíritos elevados citam, por

exemplo, o cão, o elefante e o cavalo (2). Além desses, citam-se o macaco, o gato e o muar, que, como os outros, também são “mais amplamente dotados de riqueza mental, como a introdução ao pensamento contínuo” (3).

Para demonstrar que nem todos eles são irracionais, como muitos pensam, recorreremos à obra **O Livro dos Espíritos**, combinando as respostas às questões 593 e 595, da seguinte forma:

É bem verdade que o instinto domina a maioria dos animais. Mas não vêes que muitos agem com vontade determinada? **É que têm inteligência, embora limitada.** Os animais **não são simples máquinas**, como supondes. Contudo, **a liberdade de ação de que desfrutam é limitada às suas necessidades**, não podendo ser comparada à do homem. (4)

E, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXII, item 236, vemos o Espírito Erasto dizer:

“[...] reconheço perfeitamente a existência de aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se

desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais – companheiros ou servidores do homem – qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. [...]” (5)

O certo é que, na sua caminhada evolutiva, no escoar dos milênios, o princípio inteligente, de que são dotados os animais, passa por uma transformação e se torna Espírito humano, embora o como e quando isso acontece seja fato ainda ignorado. Nós tratamos desse tema em **Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?** (6), que indicamos aos interessados.



Nas duas transcrições, logo acima, o grifo em negrito é nosso, procedimento que, a partir daqui, faremos padrão. Quando ocorrer de não ser, nós avisaremos.

Considerações Iniciais

Iniciaremos com a seguinte pergunta: “O Espiritismo teria um ponto final?” Pode até parecer estranha essa questão, mas o que falaremos é de suma importância, uma vez que muitos de nós espíritas temos, irrefletidamente, agido tal e qual um crente fanático que somente admite como revelação divina o que consta da Bíblia.

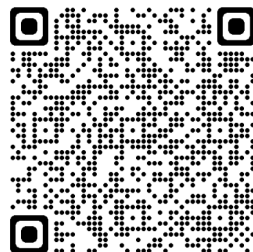
É oportuno lembrar o filósofo e teólogo Huberto Rohden (1893-1981) que, em *Lampejos Evangélicos*, argumentando a respeito desse tipo de crença, objetivamente, afirmou:

Ora, **poderíamos admitir que**, no longuíssimo período anterior ao tempo de Abraão, Isaac e Jacó, Deus nada tenha tido a dizer à humanidade? E, que pelo ano 110 da era cristã, tenha “**fechado o expediente**”, à guisa de um funcionário público ou burocrata do século XX?...
(7)

De forma semelhante é algo que, infelizmente,

nós estamos fazendo com o Espiritismo Claro que não teremos que aceitar tudo, uma vez que devemos pesquisar os temas para ver se eles “sobrevivem” ao Controle Universal e não simplesmente os rechaçar porque “não constam da Codificação”.

Em nosso artigo ***O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final*** ⁽⁸⁾, apresentamos algumas colocações de Allan Kardec (1804-1869) de forma a ficar bem clara a posição que se deve adotar diante de todo e qualquer tema. Recomendamos aos interessados que o leiam.



Aqui, para não nos alongarmos muito, somente relembremos estas duas falas do Codificador:

1) ***Revista Espírita 1866***, mês de julho:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁽⁹⁾

2) ***Revista Espírita 1867***, mês de abril:

[...] estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores.** O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ⁽¹⁰⁾

Léon Denis (1846-1927), considerado o principal divulgador do Espiritismo após o desencarne do Codificador, também é, por nós, citado nesse artigo. Vejamos isto que ele disse em ***Depois da Morte*** (1889):

A doutrina de Allan Kardec, nascida – não seria demais repeti-lo, da observação metódica, a

experiência rigorosa, **não pode tornar-se um sistema definitivo, imutável, fora e acima das futuras conquistas da Ciência.** [...] **a Doutrina dos espíritos transforma-se, incessantemente, pelo trabalho e o progresso e,** embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, **permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro.** (11)

Com Denis fica, irrefutavelmente, demonstrado que desde o ano de 1889, quando da publicação dessa obra, já se alertava que o Espiritismo, de fato, não tem um ponto final.

Ademais, agir como se absolutamente nada pudesse mudar, crendo que, após 31 de março de 1869, tudo no Espiritismo estaria hermeticamente fechado, é desconhecer que alguns pontos foram alterados, como por exemplo, estes três:

1º) Sobre qual o momento da ligação do Espírito ao corpo;

2º) Na sua evolução, o princípio inteligente passou pelo reino animal, antes de adentrar no reino hominal; e

3º) A posse física (possessão) do encarnado

passou a ser considerada com uma realidade.

Em relação aos dois primeiros, recomendamos que se faça uma comparação com o que foi dito na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 18 de abril de 1857, e o que consta na 2ª edição, lançada em 18 de março de 1860. Acreditamos que será uma “bela” surpresa para muitos.

Quanto ao último item, deve-se constatar a evolução do pensamento de Allan Kardec, apoiado nos fatos e no ensino dos Espíritos. Para isso, o interessado deve iniciar a leitura do que consta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, seguindo para o artigo “Um caso de possessão – Senhorita Julie”, publicado na *Revista Espírita 1863* e finalizando em *A Gênese*.

Muito interessante é o fato de que sempre estamos descobrindo “novas coisas” nas obras da Codificação Espírita. Embora ***Obra Póstumas*** não tenha sido publicada por Allan Kardec, a sua fonte, segundo informações, tem como base vários documentos particulares encontrados em sua casa, após o seu desencarne. Vejamos o seguinte trecho

do artigo “Fotografia e telegrafia do pensamento”:

Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, **dá primeiramente os traços gerais**, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. **Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias**; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. **O mesmo sucede em Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem.** Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. [...].⁽¹²⁾

Então, não é impróprio entender que o Codificador, por analogia, elaborou um plano geral do Espiritismo, cujas minúcias, por absoluta exiguidade de tempo, ele não pôde pessoalmente completar.

Elas, as minúcias, segundo seu pensamento, seriam desenvolvidas pelos estudos e experiências dos seus continuadores, com os quais acontecerá um

natural aprofundamento de todas as questões colocadas na fase anterior.

Infelizmente, uma boa parte de espíritas está colocando obstáculos ao desenvolvimento de várias questões, ao considerar o Espiritismo como tendo um ponto final.

Encerramos esse capítulo com esta frase de Hermínio C. Miranda (1920-2013), constante da obra ***O Que é o Fenômeno Anímico?***,

Na verdade, nada é definitivo na busca do conhecimento. Hipóteses, teorias e suposições podem ser descartadas sumariamente algum dia, simplesmente porque se tornaram inválidas perante fatos resultantes de novas descobertas. (13)

O nobre escritor e pesquisador espírita foi bem objetivo, não temos nada a acrescentar ao que ele disse.

II - ANIMAIS ENCARNADOS

O que acontece com os animais após a morte?

Uma pergunta recorrente, que evidencia a preocupação de quase todos que possuem animais é quanto a seu destino após a morte: iriam eles para algo semelhante a um “céu”?

Os Espíritos da Codificação informaram que os animais têm uma alma e, como os humanos, também reencarnam e estão sujeitos à lei do progresso. ⁽¹⁴⁾ Embora, a alma dos animais não possa escolher a espécie animal em que vai encarnar, por não ter livre-arbítrio. ⁽¹⁵⁾

Disseram que, após a morte, o espírito de um animal “fica numa espécie de erraticidade” e “é classificado, pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa, e utilizado quase imediatamente” ⁽¹⁶⁾. Explicam que isso ocorre porque “não dispõem de tempo para se relacionar com outras criaturas”. ⁽¹⁷⁾

Na **Revista Espírita 1861**, mês de julho, entre

outros argumentos a respeito das visões do Sr. O., de Gloucestershire (Inglaterra), conforme narradas no número de abril de 1861 do *Spiritual Magazine*, de Londres, Allan Kardec diz:

[...] Sabe-se que **não há Espíritos de animais errantes** no mundo invisível, e que, conseqüentemente, **não pode haver aparições de animais**, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal. [...]. (18)

Como ainda veremos, a realidade dos fatos aponta na direção contrária, portanto, são esses que se deve levar em conta como fator decisivo, caso consideremos isto que o próprio Allan Kardec disse: “Contra os fatos não há nem oposição nem negação que possam prevalecer.” (19) e “Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as conseqüências quando são constatados.” (20)

Mais à frente, no capítulo “Manifestação de espírito de animais”, da parte III - Animais

desencarnados, nós transcreveremos a narrativa completa desse caso sobre as visões do Sr. O., bem como as considerações que o Codificador teceu a respeito delas.

A existência de animais na erraticidade é noticiada por tantas fontes que já deveríamos tê-la como realidade, ainda que aparentemente negada na resposta à questão 600 de **O Livro dos Espíritos**. É necessário vermos o teor dela, uma vez que sempre a utilizam para negar a existência de animais no mundo espiritual:

600. *Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal fica num estado errante semelhante ao em que se acha o homem após a morte?*

“Fica numa espécie de erraticidade, já que não está mais unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não têm a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. Após a morte, o Espírito do animal é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente; não dispõe de tempo para relacionar com outras criaturas.” (21)

Ora, o “fica numa espécie de erraticidade” significa dizer que ocorre com os animais algo semelhante ao que acontece com os homens. O ponto forte é que não podem ser designados de espíritos errante, uma vez que não são um ser pensante.

Entretanto, parece surgir um conflito uma vez que em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXV - Evocações, item 283:

36. Pode-se evocar o Espírito de um animal?

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e **é logo utilizado**, por certos Espíritos incumbidos disso, **para animar novos seres**, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, **no mundo dos Espíritos, não há Espíritos errantes de animais, mas somente Espíritos humanos.** [...]” (22) (itálico do original)

As afirmações “é logo utilizado para animar novos seres” e “no mundo dos Espíritos, não há Espíritos errantes de animais” é o grande complicador na história, pois, como vimos, antes foi dito que “ficam numa espécie de erraticidade”.

Vamos recorrer a estudiosos, visando encontrar algo para um melhor entendimento da situação.

Da obra **No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada** (1931), autoria de J. Arthur Findlay (1883-1964), foi um dos fundadores e vice-presidente da Sociedade Glasgow de Pesquisas Psíquicas e também presidente da revista britânica *Psychic News*, destacamos o seguinte parágrafo:

Toda vida permanece. **Os animais, do mesmo modo que os seres humanos, sobrevivem à morte**, entrando cada um no estado que harmonicamente corresponde às suas vibrações. **A afeição que um animal tenha a um indivíduo pode reuni-los novamente depois da morte**; porém, se não houver esse vínculo de afeição, eles atuarão nos planos que lhes correspondem, sem se aperceberam um do outro. Assim, pois, **a vida é indestrutível**, uma grande força universal prepondera em toda parte, em todas as coisas, de uma forma ou doutra; mas, só pode ser percebida pelos nossos sentidos, quando em conjunção com o físico. ⁽²³⁾

Se depois de nossa morte podemos encontrar o animal ao qual tivemos afeto, então é certo que

em alguma região no plano espiritual ele se encontra.

O veterinário Marcel Benedeti (1962-2010), autor da obra ***Qual a sua Dúvida para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*** (2007), argumentando sobre a questão 600 de *O Livro dos Espíritos* e a afirmação em *O Livro dos Médiuns* de que “*No mundo dos espíritos não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos.*”, disse o seguinte:

Algumas pessoas se apegam a essas questões para dizer que não há animais no Mundo espiritual e que os autores espirituais como André Luiz e Emmanuel se equivocaram ao descrever a presença de animais nas colônias. (24)

Primeiramente é preciso entender o que é “erraticidade” e o que significa a palavra “errante”.

Erraticidade: Período que compreende o intervalo entre uma e outra reencarnação.

Errante: É a condição de nômade. No caso é a condição de um espírito que exerce sua liberdade de maneira como aprover.

Portanto não há realmente espíritos errantes de animais no Mundo espiritual, mas estão na erraticidade.

Não permanecem em estado errante, pois não possuem, ainda, essa liberdade. Os espíritos dos animais ficam sob a tutela de outros que se incumbem deles.

Isso em hipótese alguma, significa que os animais não fiquem no mundo espiritual enquanto aguardam o momento de reencarnarem.

Por isso o Espírito de Verdade disse:

“(A alma de um animal) fica numa espécie de **erraticidade**, pois não está unida a um corpo. Mas **não é um espírito errante.**” (25) (grifo do original)

Completando essas explicações, traremos de **Os Animais Conforme o Espiritismo** (2008), a seguinte fala de Benedeti:

Kardec quis saber se os espíritos dos animais, depois que desencarnam, permanecerão na espiritualidade como acontece com os espíritos humanos. Como resposta, o Espírito da Verdade informa que sim, que **os animais permanecem na erraticidade, ou seja, no mundo espiritual, mas eles não têm liberdade de vagarem pelo mundo espiritual. Por isso que ele diz que não permanecem na erraticidade como seres errantes.** Não ser errante (errante é sinônimo de nômade) não significa que não fiquem na erraticidade, pois o simples fato de não estarem mais ligados a um corpo físico já os torna espíritos

livres ou espíritos desencarnados, portanto obrigatoriamente pertencentes ao mundo espiritual.

Os espíritos de animais são espíritos jovens e por isso dependentes do tutorado de seres superiores a eles, como nós, por exemplo, que decidem por eles.

Os animais que estão em estágio evolutivo atrasado em relação a nós precisam evoluir rapidamente e não têm tempo a perder com relações improdutivas na dimensão espiritual. O interessante para eles é a reencarnação, que lhes fornecerá os aprendizados mais importantes que necessitam.

Os tutores humanos, incumbidos de orientar a evolução destes seres espirituais, os classificam por categorias de acordo com o nível de evolução. São enviados para reencarnação quando receberão novos corpos para a continuidade de seus aprendizados. (26)

As explicações dadas por Marcel Benedeti a respeito da resposta à questão 600, de *O Livro dos Espíritos*, a nosso ver, deixa tudo em “pratos limpos”.

Não podemos deixar de informar que, além dessas, Benedeti publicou mais seis obras sobre os animais (27), assim é que, no meio espírita, ele se tornou uma importante referência em relação a

temas relacionados a eles.

Essa é a mesma linha de raciocínio da articulista e pesquisadora Simone Nardi Grama, conforme se pode ver em seu artigo “Animais, plano espiritual e erraticidade” publicado na revista ***Espiritismo O Grande Consolador***:

A princípio, faz-se necessário eliminar alguns equívocos que frequentemente levam algumas pessoas a serem taxativas ao dizer que não existem espíritos de animais na erraticidade.

A palavra “erraticidade” deve ser compreendida, primeiramente, como “estar no plano espiritual”, como o estado em que o Espírito está finalmente liberto do corpo material. Já a palavra “errante” nos traz a ideia de errático, de alguém que está vagando ao acaso, sem rumo, perdido. Nesse caso, poderíamos também compreender que tal Espírito se encontra fora da colônia espiritual, vagando pela Terra, muitas vezes acreditando ainda estar encarnado. Como podemos ver, **as palavras “erraticidade” e “errante”, que iremos encontrar na questão 600 de *O Livro dos Espíritos*, possuem significados diferentes, fato ao qual poucas pessoas dão atenção.** (28)

Temos aí um pouco mais de luz, para que se

possa entender a questão.

Fausto Fabiano da Silva é mais um estudioso que se alinha a esse pensamento. Na **Revista Internacional de Espiritismo**, de dezembro de 2011, foi publicado seu artigo “Os animais no mundo espiritual” do qual destacamos o seguinte parágrafo:

Por outro lado, a afirmação sobre a erradicidade, encontrada em *O Livro dos Médiuns* (Capítulo XXV, das Evocações): “Assim, no mundo dos espíritos não há Espíritos errantes de animais, mas somente Espíritos humanos”, muito utilizada para questionar a existência dos animais no mundo espiritual, é facilmente resolvida. Ora, **na questão 600 de O Livro dos Espíritos, o conceito de errante é claramente relacionado, exclusivamente com o espírito humano: “O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade”; dessa maneira, não existem espíritos de animais errantes, pois estes não pensam como os seres humanos, nem têm o correspondente livre-arbítrio; entretanto, isso não quer dizer que não existam animais no plano espiritual, já que, “errante”, segundo evidenciam os espíritos, é uma condição tipicamente humana.** Podemos fazer uma analogia, para entendermos melhor o assunto, lembrando o conceito de “cidadão”, na Grécia Antiga, que era relacionado apenas a uma minoria de homens livres, o que não excluía da realidade

social a existência de outras pessoas, como as mulheres. Pensando dessa maneira, **podem existir animais, no plano espiritual, porém, errantes, somente os espíritos humanos desencarnados.** (29)

A prof.^a Irvênia Luiza Santis Prada, médica veterinária, graduada pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), em **A Questão Espiritual dos Animais**, no tópico “Animais e Erraticidade” do cap. 9 - Figuras animais no plano espiritual, entre várias coisas, argumenta o seguinte:

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 224, Kardec coloca aos Espíritos: “O que é a alma [entenda-se humana] nos intervalos das encarnações? R. Espírito errante, que aspira a um novo destino e o espera”.

Nas questões que se seguem, há novamente a expressão “estado errante”. Um dos significados da palavra “errante”, segundo o dicionário de Caldas Aulete é “nômade, sem domicílio fixo”, e de errar, é “vaguear” (errando ao acaso...). Por sua vez, erraticidade, como erratibilidade, quer dizer: “caráter do que é errático. (Espir.): Estado dos espíritos durante os intervalos de suas encarnações”.

Quanto aos animais, surge a natural curiosidade

de se saber como o seu Espírito se comporta na erraticidade, se é que para eles existe. *O Livro dos Espíritos*, questão 600, clarifica:

A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte?

R. Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo. **Mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade**; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do Espírito. **O Espírito do animal é classificado após a morte**, pelos espíritos incumbidos disso, **e utilizado quase imediatamente**: não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas’.

Algumas pessoas entendem, a partir desse texto, que os animais, assim que desencarnam, são prontamente reconduzidos à reencarnação. **A expressão “utilizado quase imediatamente” não precisa ser entendida de forma literal.** O Espírito do animal pode ser prontamente “utilizado” para uma infinidade de situações, dentre elas o reencarne, por isso “não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas”.

Entendo que os animais, sendo conduzidos por Espíritos humanos, não dispõem de tempo livre para atuarem à sua maneira, mas, sim, conforme o estabelecido por seus orientadores. Aliás, é o que sugere o texto em foco (LE 600): “o espírito errante é um ser que pensa e age por sua

livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade”.

Em *O livro dos médiuns*, segunda parte, capítulo XXV, item 283, Kardec trata da possibilidade da “evocação de animais” e pergunta aos espíritos:

Pode-se evocar o Espírito de um animal?

R: **“O princípio inteligente, que animava um animal, fica em estado latente após a sua morte. Os espíritos encarregados deste trabalho, imediatamente o utilizam para animar outros seres,** através dos quais continuará o processo de sua elaboração. Assim, **no mundo dos espíritos, não há espíritos errantes de animais,** mas somente espíritos humanos [...].

Herculano Pires, tradutor da obra, faz a seguinte chamada em rodapé:

Espíritos errantes são os que aguardavam nova encarnação terrena [humana] mesmo que já estejam bastante elevados. São errantes porque estão na erraticidade, não se tendo fixado ainda em plano superior. **Os espíritos de animais, mesmo dos animais superiores, não têm essa condição.** Ler na *Revista Espírita* n. 7, de julho de 1860, as comunicações do espírito Charlet e a crítica de Kardec a respeito.

Apesar de a colocação dos Espíritos ter sido taxativa, quanto a não haver Espíritos errantes de animais, os fatos falam o contrário. Se assim

fosse, isto é, **se não existissem animais (desencarnados) no plano espiritual, como explicaríamos tantos relatos?** Como explicaríamos a existência dos chamados “Espíritos da natureza?” Trataremos deles no próximo capítulo e já posso adiantar que vivem na erraticidade!

Ernesto Bozzano [*Os Animais têm Alma?*] refere, dentre **os 130 casos de fenômenos supranormais com animais**, dezenas de episódios com **aparição de bichos em lugares assombrados, com materialização e visão com identificação de fantasmas de animais mortos**. [...]. (30)

Na atualidade, a Prof.^a Irvênia Prada se destaca com sua produção literária sobre esse instigante tema.

Para nós, os fatos apontam para a existência de animais na erraticidade, ainda que isso não seja uma regra a ser aplicada a todos eles.

Do capítulo – Animais Errantes, do livro ***Todos os Animais São Nossos Irmãos***, de Marcel Benedeti, tomamos o seguinte trecho:

A avó e a mãe se olharam e um ponto de interrogação se estampou na face das duas

senhoras. Elas se perguntavam mentalmente se ele estava vendo **o cão morto**.

Então, ela soltou o garoto que estava ansioso por **abraçar seu amigo** que tinha cinquenta quilos, quando encarnado. O menino correu para o quintal, em direção ao antigo companheiro, mas não sem antes parar diante do avô e endereçar-lhe um grande sorriso. **Aproximou-se do cão e o abraçou**. A mãe e a avó ficaram atônitas com o que viam. **O garotinho abraçava um cão invisível**. Pensaram em levá-lo ao médico, acreditando que talvez estivesse transtornado pela perda do companheiro. No entanto, deixaram que continuasse com sua fantasia. Algum dia ele deveria esquecer de vez o seu amigo cão.

Para substituí-lo, adotaram dois cães abandonados em uma praça. Talvez com estas novas companhias, ele se esquece do falecido cão. Era o que pensavam, mas **o animal apenas acompanhava o avô, que fazia visitas periódicas à família e à casa onde morava, quando ainda era encarnado**. Após algum tempo, o cão e o avô deixaram de visitá-los, porque o homem estava prestes a reencarnar, deixando o animal sob custódia dos amigos da Espiritualidade. O cão também iria reencarnar em breve, e, desde então, o garoto não mais citou o nome do amiguinho desencarnado.

Os alunos acompanharam o cão por vários dias, e o comportamento diante das pessoas que não o viam. Ele se sentia constrangido por não ser notado, mas o que mais lhe importava era ser visto pelo garoto, a pessoa tinha mais afinidade.

Eventualmente, as pessoas da casa lembraram-se do cão: comentam sobre como era inteligente e perspicaz, protegia e cuidava do pequeno garoto.

Um dos alunos disse ao professor:

– Eu pensei, quando o vimos pela primeira vez, que estivesse andando sem rumo, perdido na Espiritualidade.

– **Não há animais desamparados na Espiritualidade. Aqui eles estão sempre acompanhados por alguma pessoa. Nunca ficam, como acontece conosco, naquele estado que as pessoas encarnadas chamam de erraticidade.** Ou ficam em companhia de alguém que se responsabilizará por eles ou são encaminhados a setores específicos das colônias de animais, como a do Rancho, por exemplo. Eles não têm tempo a perder. **Quando em companhia de alguém, estão aprendendo algo, por isso não podem ficar na ociosidade.** Assim, se não estiverem acompanhados de forma autorizada, vão para a reencarnação.

[...].

Geralmente, o animal também é encaminhado à reencarnação, mas se outro requerer a tutela, poderá ou não ser cedida a transferência de responsabilidade.

– Por quanto tempo podem permanecer em nossa dimensão sob essas responsabilidades? Um tempo muito prolongado de anuência não seria um tipo de prejuízo também a eles, uma vez que não há tempo a perder com ociosidade?

– Concordo com você. **A evolução não pode parar. Por isso existe um tempo limite que o animal pode permanecer nessa espécie de estágio, em companhia de um amigo. Após esse tempo, ele é compulsoriamente encaminhado à reencarnação.** Mas não se esqueça de que estagiar entre as pessoas nesta dimensão também é um aprendizado. Portanto, não chega a se constituir em prejuízo. ⁽³¹⁾

Aqui temos interessantes explicações provenientes do mundo espiritual, provavelmente do Espírito designado de Irmão José, que podem sanar nossas dúvidas a respeito dos animais na erraticidade.

Lembramo-nos de Charles Richet (1850-1935), o fundador da Metapsíquica ⁽³²⁾, que, em *A Grande Esperança*, disse: “[...] não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos.” ⁽³³⁾

Antes de encerrar esse capítulo, traremos uma breve consideração de Allan Kardec a um trecho da mensagem intitulada “Dos animais” de autoria do Espírito Charlet, publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de julho. Primeiro a resposta de Charlet à

pergunta: “Quereis, pois, dizer-nos se vedes ao vosso redor Espíritos de cães, de gatos, de cavalos ou de elefantes como vedes Espíritos humanos?”:

A alma do animal – tendes toda razão – não se reconhece após a morte; é um conjunto de germes que podem passar para o corpo de tal ou qual animal, conforme o desenvolvimento adquirido. ⁽³⁴⁾

Agora, um trecho da “Nota Geral” de autoria do Codificador:

Um ensinamento importante, do ponto de vista da ciência espírita, ressalta dessas comunicações. **A primeira coisa que toca, em as lendo, é uma mistura de ideias justas, profundas, e trazendo a marca do observador, ao lado de outras evidentemente falsas, e fundadas sobre a imaginação** mais que sobre a realidade. Charlet era, sem contradita, um homem acima do vulgo, mas, como Espírito, não é mais universal do que o era quando vivo, e **pode se enganar porque, não sendo ainda bastante elevado, não encara as coisas senão sob o seu ponto de vista**; não há, de resto, **senão os Espíritos chegados ao último grau de perfeição que estão isentos de erros**; os outros, por alguns dons que tenham, não sabem tudo e podem se enganar; mas, então, quando são verdadeiramente bons, fazem-no de boa fé e nisso

convém francamente, ao passo que há os que o fazem conscientemente e se obstinam nas ideias mais absurdas. **Por isso, é necessário guardar-se de aceitar o que vem do mundo invisível sem tê-lo submetido ao controle da lógica;** os bons Espíritos o recomendam sem cessar, e não se melindram nunca com a crítica, porque de duas coisas uma, ou estão seguros do que dizem, e então não temem, ou não estão seguros e, se têm a consciência de sua insuficiência, procuram, eles mesmos, a verdade; ora, se os homens podem se instruir com os Espíritos, certos Espíritos também podem se instruir com os homens. [...]. (35)

Sim, deve-se ter muito cuidado com as revelações de certos Espíritos. Vejamos, por exemplo, a resposta que Charlet deu a uma outra pergunta que lhe foi feita:

16. **Em que se torna, então, o princípio inteligente dos animais defuntos?** – R. **Retorna à massa onde cada novo animal haure a sua porção de inteligência que lhe é necessária.** Ora, está aí precisamente o que distingue o homem do animal; é que nele o Espírito está individualizado e progride por si mesmo, e é também o que lhe dá a superioridade sobre todos os animais; eis porque o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, se faz obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes. (36)

Para Charlet após a morte a alma do animal “retorna à massa”, fato que, conseqüentemente, o faria perder a sua individualidade. Ora, isso é contrário ao que foi dito na resposta à questão 598, que afirma que os animais conservam a sua individualidade.

Os animais também teriam a faculdade mediúnica?

Esse é um questionamento que, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXII – Mediunidade nos animais, Allan Kardec se propõem a esclarecer:

234 Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes tem sido formulada esta pergunta, e alguns fatos parecem respondê-la afirmativamente. O que, sobretudo, tem dado crédito à opinião dos que pensam assim são os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros que, educados, parecem adivinhar o pensamento do homem e tiram de um maço de cartas as que podem responder com exatidão a uma pergunta feita. Observamos essas experiências com especial cuidado, e o que mais admiramos foi a arte que houve de ser empregada para a instrução dos ditos pássaros.

[...].

A maioria das experiências que presenciamos são do mesmo tipo das que fazem os prestidigitadores e não podiam deixar-nos dúvida sobre o emprego de alguns dos meios de que eles se utilizam, notadamente o das cartas marcadas. [...].

[...].

235. [...] **a imitação da mediunidade por meio de pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles ou em outros animais, de uma faculdade semelhante.** Trata-se, pois, de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos, para suas comunicações inteligentes. [...]. (37)

Essa questão foi discutida na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em razão disso, o Espírito Erasto deu uma mensagem, da qual destacaremos os pontos mais importantes:

“Em primeiro lugar, precisamos nos entender bem acerca dos fatos. **O que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, a fim de que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados.** Conseqüentemente, sem médium não há comunicações tangíveis, mentais, escritas e físicas, seja qual for a natureza de cada uma delas.

“Há um princípio que todos os espíritas admitem: **o de que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes.** Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que repitamos isto incessantemente? Pois bem! Vou repetir mais uma vez: **o vosso**

perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são semelhantes, em suma. **Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida**, de magnetização mais ou menos vigorosa, que permite que nos ponhamos, Espíritos desencarnados e encarnados, muito pronta e facilmente em comunicação uns com os outros. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da própria essência da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. Aliás, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

[...].

“É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais. Muitas vezes, o súbito terror que deles se apodera, sem que percebaís a causa, é provocado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes ou aos donos dos animais. Muito frequentemente vos deparais com cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! **Tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos** que se comprazem em impedir que os animais avancem. [...] Mas, repito, não mediunizamos diretamente

nem os animais nem a matéria inerte. Precisamos sempre do concurso *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais nem na matéria bruta. (38) (itálico do original)

Finalizando sua comunicação, conclui Erasto:

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e **é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos possam servir de médiuns.** Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para que façam tais ou tais exercícios, é problema vosso, e não nosso.” (39)

Se bem entendemos, não há a mínima possibilidade de os animais terem a faculdade mediúnica, porquanto é uma aptidão exclusiva dos seres humanos.

Quando ocorre de animais verem algum Espírito não é porque possuem a faculdade de vidência, mas estão diante de um fenômeno em que um certo Espírito se fez visível, portanto, não são “médiuns videntes”, como poderia alguém pensar.

Entretanto, como veremos no próximo capítulo, certos animais demonstraram possuírem algum grau de percepção psíquica, que entendemos ser anímica, se assim podemos dizer.

Percepções sensitivas dos animais

Vejam os este caso bem singular, narrado no artigo “O Espírito e o cãozinho”, constante da **Revista Espírita 1860**, mês de junho:

O Espírito e o cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860. Méd. Sr. Didier)

O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite este fato:

“Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase que diariamente, servindo-se de uma cesta. **Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual ele gostava muito, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos gemidos.** A primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu: **‘Meu valente cachorrinho, que me reconhece.’**

“Eu não vi o fato, mas as pessoas de quem o ouvi várias vezes o testemunharam, e são bons espíritas e muito sérias, de modo que não posso pôr em dúvida a sua veracidade. **Eu me perguntei se o perispírito conservaria suficientes partículas materiais para afetar o olfato do cão, ou se o cão era dotado da faculdade de ver os Espíritos.** É um problema que me pareceria útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. – Evocação de Sr..., morto há oito meses, do qual acabamos de falar. R. – Eis-me aqui.

2. – Confirmais o fato relativo ao **vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações e que parece reconhecer-vos?** – R. **Sim.**

3. – Poderíeis dizer a causa que atrai o cão para a cesta? R. – **A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até a vê-lo.**

4. O cão vos vê ou vos sente? R. – **O olfato, sobretudo, e o fluido magnético.”**

Charlet

Observação: Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de ditados muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos proximamente. Foi certamente a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. – Desde que Charlet quer mesmo intervir na questão que nos ocupa, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a esse respeito. R. – De boa vontade. **O fato é perfeitamente verossímil; e, conseqüentemente, natural.** Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. **O cão é dotado de uma organização muito particular. Ele compreende o homem, basta isso.** Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o, e chega mesmo ao ponto de – e disto têm-se exemplos para confirmar o que adianto – ao ponto, dizia eu, de a ele se dedicar. O cão deve ser – não tenho

certeza, entendi bem – mas o cão deve ser um desses animais vindos de um mundo já adiantado para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo, guardá-lo. [...].

Charlet

No dia seguinte, a senhora Lese..., médium, membro da Sociedade, obteve em particular a seguinte explicação sobre o mesmo assunto:

O fato citado na Sociedade é verdadeiro, embora o perispírito destacado do corpo não tenha nenhuma de suas emanções. O cão farejava a presença de seu dono; quando digo **farejava, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que seu nariz sentisse**; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada principalmente pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocaram o morto. **A vontade humana atinge e adverte o instinto dos animais, sobretudo o dos cães, antes que algum sinal exterior o revele.** Por suas fibras nervosas o cão é posto em relação direta conosco, Espíritos, quase tanto quanto com os homens: **percebe as aparições**; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais terrenas, e lhes tem muito medo. O cão uiva à lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente vir a morte. Em ambos os casos, e ainda em outros, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que as suas sensações; ele vê menos do que sente; o fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. **O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de admirável,**

porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava o seu dono, **o cão sentia a sua presença quase tão depressa quanto o próprio Espírito escutava e respondia ao chamado que lhe era feito.**”

Georges (Espírito familiar) (40)

Seja lá por qual motivo for, o fato é que o cão percebeu a presença do Espírito do jovem, seu antigo dono, que se comunicava por meio da cesta (41), fato esse que, ainda que contrarie a perspectiva de muita gente, não há como negar.

Na *Revista Espírita 1861*, mês de agosto, foi publicada a mensagem de Erasto intitulada “Os animais médiuns”, na qual ele esclarece que a mediunidade é uma faculdade humana, razão pela qual os animais não a possuem. Portanto, não há que se falar em “animais médiuns”.

É oportuno informar que essa mensagem de Erasto foi inserida em *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXII, item 236 (42), conforme vimos.

Em ***Psicologia e Mediunidade***, no capítulo “Mediunidade nos Animais”, temos estas oportunas considerações de Adenáuer Novaes:

As percepções aparentemente extrassensoriais verificáveis em certos animais não se tratam de mediunidade ou de seus rudimentos. São capacidades relativas aos órgãos dos sentidos físicos que lhes permitem sentir e perceber além do humano, porém sem que essa qualidade deva ser considerada mediunidade. Esta é exclusiva do humano por conceito e por uma questão de aquisição evolutiva.

No animal não há mediunidade, mas uma superexcitação da senso-percepção por conta de órgãos mais sensíveis que no humano. Não podem servir de intermediários dos espíritos desencarnados. Quando ocorre a algum deles “perceber” presenças espirituais e se alterar por isso, deve-se à absorção de fluidos materializados emitidos pelas entidades. A sensibilidade que promove certas manifestações em alguns animais como se tratasse de uma percepção mediúnica, a exemplo do “incômodo” de alguma “presença” espiritual, não se caracteriza como mediunidade, mas como uma captação de emissões fluídicas (materiais) de espíritos, as quais os órgãos sensoriais humanos não alcançam.

Não haveria objetivo para a mediunidade nos animais. De nada lhes serviria, pois a comunicação mediúnica visa o aprimoramento psicológico e a maturidade espiritual do indivíduo. No animal, o princípio espiritual está em vias de individualização, por tanto seu psiquismo ainda é mais coletivo do que individual. Não há maturação psicológica para uma comunicação no nível espiritual. (43)

Julgamos que Adenáuer Novaes foi bem cirúrgico em sua explanação. É exatamente como conseguimos entender a questão.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, lemos o seguinte trecho do artigo intitulado “O Perispírito descrito em 1805” (44):

Sob o título de: **“Aparição real de minha mulher depois de sua morte, – Chemnitz, 1804,” – o doutor Woetzel publicou um livro** que causou uma enorme sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos; o Wieland sobretudo o põe em ridículo na Euthanasia. **Durante uma enfermidade de sua mulher, Woetzel havia pedido a esta última para se apresentar a ele depois de sua morte.** Ela lhe fez a promessa, mas, mais tarde, a seu pedido, seu marido a liberou. No entanto, **algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora fechado; a luz ficou quase extinta; uma pequena janela na alcova se abriu, e, na fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher** que lhe disse com voz doce: “Charles, eu sou imortal; um dia nos reveremos.” A aparição e essas palavras consoladoras se renovaram mais tarde **uma segunda vez. A mulher se mostra** em túnica branca sob o aspecto que ela tinha antes de morrer. **Um cão que não tinha se agitado na primeira aparição se pôs a tremelicar e a**

descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida.

[...].

Quanto ao que concerne ao cão, isso nada tem de surpreendente; vários fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos. Na *Revista Espírita*, de junho de 1860, página 171, citamos um exemplo deles que tem uma notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo positivamente provado que não possam vê-los. **Não haveria nada de impossível a que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se amedrontam e se recusam obstinadamente a avançar sem motivo conhecido, sofressem o efeito de uma influência oculta.** ⁽⁴⁵⁾

Entendemos que a reação do cão que “se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida” pode ser considerada como prova incontestável de que ele sentiu, de fato, a presença espiritual da mulher.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de setembro, temos o tópico “Alucinação nos animais”, que transcrevemos:

NOS SINTOMAS DA RAIVA

Um de nossos colegas transmitiu à Sociedade o relato seguinte de um relatório lido na Academia de medicina pelo doutor H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

“No período inicial da raiva, e, quando a doença está completamente declarada, nas intermitências dos acessos, **há no cão uma espécie de delírio que se pode chamar o delírio rábico**, do qual Youatt falou pela primeira vez e que descreveu perfeitamente.

“**Esse delírio se caracteriza por movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objetos e ouve ruídos que não existem senão naquilo que se tem muito o direito de se chamar sua imaginação.** Logo, com efeito, o animal se mantém imóvel, atento, como à espreita; depois, de repente, se lança e morde no ar, como faz, no estado de saúde, o gato que quer apanhar uma mosca no voo. Outras vezes, ele se lança furioso e uivador, contra uma parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

“**Raciocinando por analogia, se está muito autorizado a admitir que estão aí os sinais de verdadeiras alucinações.** No entanto, aqueles que não estão prevenidos não poderiam ligar importância a esses sintomas, que são muito fugazes, e basta, para que desapareçam, que a voz do dono se faça ouvir. Então vem o momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, os membros da frente parecem se ocultar sob o corpo, e o animal está prestes a cair. Mas de repente ele se endireita, novos fantasmas vêm assediá-lo; ele olha a seu redor com uma

expressão selvagem, abocanha, como para agarrar um objeto ao alcance de seus dentes, e se lança na extremidade de sua corrente, ao encontro de um inimigo que não existe senão em sua imaginação.”

Esse fenômeno, minuciosamente observado, como se vê, por um autor lembrado, **parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de alguma coisa invisível para nós.** É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, de outro modo dito, uma alucinação? **Se é uma alucinação, isso seguramente não é pelos olhos do corpo que vê, uma vez que não são objetos reais; se são seres fluidicos ou Espíritos, como não fazem, não mais, nenhuma impressão sobre os sentidos da visão, é, pois, por uma espécie de visão espiritual que os percebe.** Num e noutro caso, **gozaria de uma faculdade, até um certo ponto análoga àquela que o homem possui.** A ciência ainda não se arriscou a dar uma imaginação aos animais; ora, da imaginação a um princípio independente da matéria, a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: a madeira ⁽⁴⁶⁾, a pedra, etc., possa ter imaginação.

[...].

[...] Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita ao ponto de produzir nele alucinações. **Mas numerosos exemplos tendem a provar que o fenômeno das visões ocorre em certos animais, no estado o mais normal, no cão e no**

cavalo sobretudo; pelo menos esses são aqueles sobre os quais estiveram mais no estado de observá-lo. Raciocinando por analogia, pode-se supor que o é assim com o elefante e os animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. **É certo que o cão sonha; vê-se-o, por vezes, durante seu sono, fazer movimentos que simulam a corrida; gemer, ou manifestar contentamento.** Seu pensamento, pois, está agindo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz, que vê, em que pensa em seus sonhos? É o que, infelizmente, não pode nos dizer, mas o fato lá está.

[...].

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865. -
Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr. Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. **Sim, o cão, o cavalo veem ou sentem os Espíritos.** Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses animais ao passarem num lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertos para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver

enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não viste também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranquilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. **Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média, tanto quanto em nossos dias.**

Os animais veem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto de semelhança com o espírito humano, e **o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades**, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la e dar-lhe novas faculdades? [...].

O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, **é certamente um traço de união entre as duas espécies.** A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e no homem primitivo, supre nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é um outro ponto de contato. Enfim, **a visão espiritual que lhes é**

muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes, vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível. **Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade.**

MOKI. (47)

Imediatamente após essa comunicação, Allan Kardec inseriu a seguinte nota:

Este conselho é muito sábio, porque, **não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida**, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. **Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados.** Foi este princípio que serviu de base à **Doutrina Espírita**, e é o que nos leva a dizer que **é uma ciência de observação.** (48)

O Codificador, a nosso ver, está coberto de razão ao dizer que “**não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida**” e que “**os fatos são argumentos sem réplicas**”, assim podemos concluir que “**os animais veem, pois, certamente, os Espíritos**”.

Mas o curioso é que apesar dos fatos confirmarem aparições e materializações de animais, muitos confrades não os aceitam, alegando que tudo isso não passa de “criação fluídica”, ou seja, uma ideoplastia.

Mais à frente falaremos um pouco mais sobre as “criações fluídicas”, às vezes citadas por alguns confrades para negar algo que não concordam.

Na **Revista Espírita 1868**, mês outubro, lemos este artigo:

UM CASTELO ASSOMBRADO

A narração do fato adiante nos foi remetida por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua bravura, recebe uma grande herança, pede a sua demissão e escreve ao seu administrador que lhe quer comprar uma propriedade que estava à venda e que para ele escolheu.

O intendente responde imediatamente em aconselhando ao general de **não comprar a dita propriedade**, tendo em vista que ela **era assombrada pelos Espíritos**.

O velho corajoso insiste, dizendo que é uma razão a mais para lhe fazer essa compra, e lhe

impõe de terminar no mesmo instante.

A propriedade é, pois, comprada, e o novo senhorio se põe a caminho para ir lá se instalar. Ele chega às onze horas da noite na casa de seu intendente, não longe do castelo onde ele quer ir imediatamente. – Por favor, disse-lhe seu velho servidor, esperai amanhã e fazei-me a honra de passar a noite em minha casa. – Não, disse-lhe seu senhor, quero passá-la em meu castelo. O intendente é, pois, obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses levando tochas; mas eles não querem ali entrar e se retiram, **deixando só o novo proprietário.**

Este tinha com ele um velho soldado que jamais o tinha deixado, e **um enorme cão** que teria estrangulado um homem com um só golpe.

O velho general se instalou na biblioteca do castelo, acendeu as velas, colocou um par de pistolas sobre a mesa, pegou um livro e **se estendeu sobre um sofá esperando os fantasmas**, porque ele estava seguro de que, se deles os houvesse no castelo, esses não seriam os mortos, mas bem os vivos; foi também por isto que ele tinha armado as pistolas e que **tinha feito seu cão deitar sob o sofá**; quanto ao velho soldado, ele já roncava num quarto vizinho à biblioteca.

Pouco tempo se escoou; **o general crê ouvir barulho no salão, escuta atentamente, e o barulho redobra.** Seguro de seu acontecimento, ele toma em uma mão uma vela, na outra uma pistola, e entra no salão onde não vê ninguém; procura por toda a parte, levanta mesmo as

cortinas: **não há nada, absolutamente nada**. Ele retorna, pois, à biblioteca, retoma seu livro, e apenas dele leu algumas linhas quando **o barulho se faz ouvir com muito mais força do que na primeira vez**. Ele retoma uma vela e uma pistola, **entra de novo no salão e vê que se abriu a gaveta de uma cômoda. Convencido**, desta vez, de que havia negócio **de ladrões**, e não vendo ninguém, **chama seu cão e lhe diz: Procura! O cão se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé**. O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, se deita sobre o sofá, mas não pôde fechar o olho a noite toda. Em nos contando este fato, o general nos disse: “Não tive medo senão duas vezes, há dezoito anos, quando no campo de batalha, uma bomba estourou a meus pés; a segunda vez, quando vi o medo se apoderar de meu cão.”

Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre **o fato muito autêntico** reportado acima, e nos contentaremos em perguntar, aos adversários do Espiritismo, **como o sistema nervoso do cão foi abalado**.

[...].

CH. PÉREYRA (49)

O comportamento do cão que “se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé” nos induz a concluir que, no presente caso, o Espírito manifestante, visto pelo cão, não era

nada amigável ou, quiçá, de uma horripilante aparência.

Da obra **Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro** (1877), de Robert Dale Owen (1801-1877), foi um reformador social norte-americano de origem escocesa e considerado um dos precursores do Espiritismo, transcrevemos a seguinte narrativa:

O CÃO NA FLORESTA DE WOLFRIDGE

F. M. S. passava pela floresta de Wolfridge certa vez, à meia-noite, acompanhado somente do seu **cão, mestiço de terra-nova e mastin**, animal valente, que não temia homens nem feras. F... levava consigo uma arma de caça e um par de pistolas carregadas, além da sua espada, pois, pertencia à Escola Militar, da qual obtivera naquele dia uma licença para ir à caça.

O caminho internava-se pela mata e próximo ao centro desta, em local mais limpo que o resto, se encontrava uma cruz indicando o ponto onde um coiteiro caíra assassinado. **O lugar passava por mal-assombrado**, afirmando alguns já terem visto o Espírito. Frequentemente, F. havia passado antes por essa cruz do bosque, sem observar coisa alguma, e **ligava a essa história de aparição de Espíritos tão pouca importância**, que, por mais de uma vez, em aposta, tinha à meia-noite ido até

o local sem nada ver, a não ser uma vez, um
coiteiro ou ladrão de caça.

Na noite a que nos referimos, quando ele se
aproximava do espaço limpo, **julgou descobrir do
lado oposto à figura de um homem**, um tanto
menos distinta que o natural.

Chamou o cão que ia à frente ladrando e
perseguindo a caça que encontrava, bateu-lhe de
leve na cabeça para chamar-lhe a atenção, e
preparou a espingarda. O cão mostrava-se
impaciente. **F. intimou a figura, mas não obteve
resposta alguma.** Suspeitando fosse um ladrão e
preparado para repelir um ataque, **indicou a figura
ao cão e o animal lhe respondeu rosnando.**
Enquanto fixava a figura, veio ela deslizando,
colocar-se a uma braça de distância, nele fixando
também os olhos. A aproximação se deu sem ruído
nem sussurro. O rosto da aparição era mal
definido, mas distintamente visível. F. Não podia
desviar os olhos dos do fantasma, que pareciam
fasciná-lo, aponto de prendê-lo ali. Ele não teve
medo de uma ofensa corporal, mas, somente
indefinível sentimento de pavor. Seus olhos
estavam tão fascinados pelos da figura, que nem
pôde prestar atenção às roupas e à forma de seu
corpo. Ela olhou-o calmamente, com ar benévolo,
por tempo que não excedeu de meio minuto, e
repentinamente tornou-se invisível. A forma
tinha-se conservado em sua presença por espaço
de cinco minutos.

**O cão, que antes se mostrava furioso e
rosnando, estava agora deitado a seus pés,
como se estivesse em transe, com a mandíbula**

caída, os membros trêmulos, todo o corpo agitado e coberto de frio suor. Depois que a forma desapareceu, F. tocou no animal e falou-lhe, sem que ele parecesse reconhecê-lo, até que, **depois de algum tempo, foi recuperando os sentidos.** Por todo o caminho, na volta, o cão andou muito apegado ao dono, sem se importar com a caça que encontrava.

Foi somente quinze dias depois que ele voltou a si do susto, mas nunca mais recuperou a primitiva vivacidade. **Nada pôde, daí em diante, induzi-lo a entrar na mata de noite, nem a consentir que alguém o fizesse.** Se, durante o dia era obrigado a transpor a clareira, só o fazia com o dono, não se afastando do seu lado, **dando sinais de medo e tremendo durante o trajeto.** F. frequentemente passou por aquele lugar à meia-noite, mas nunca mais viu o fantasma. Antes do ocorrido, ele tratava como ridículas todas essas histórias de fantasmas e Espíritos; depois, entretanto, ficou crendo. O crítico não hesita em exprimir a opinião de ter sido a aparição testemunhada por S. o resultado de uma ação sobrenatural ⁽⁵⁰⁾. Esse fato publicado num jornal de medicina e de reputação antiga e firmada, três anos antes da palavra Espiritismo ser pronunciada, tem uma importância capital. ⁽⁵¹⁾

A reação do cachorro e o fato de posteriormente não querer mais passar pela floresta no local onde se manifestou o fantasma, são provas incontestes de que ele, de fato, o viu.

Gabriel Delanne (1857-1926), em ***A Alma é Imortal*** (1897), apresenta no cap. V - O corpo Fluídico Depois da Morte, o tópico intitulado “Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais”, do qual transcrevemos a seguinte ocorrência:

No que escreveu sobre **a vidente de Prevorst**, Justinus Kerner alude a uma aparição que ela teve durante um ano inteiro. **De cada vez que o Espírito lhe aparecia, um galgo negro** ⁽⁵²⁾, **que havia na casa, como que lhe sentia a presença**. Logo que a aparição se tornava perceptível à vidente, **o cão corria para junto de alguém, como a pedir proteção, muitas vezes uivando forte**. Desde o dia em que viu o vulto, nunca mais quis ficar só durante a noite.

No terrível episódio de casa mal-assombrada, que a Sra. S. C. Hall narrou a Robert Dale Owen, ⁽⁵³⁾ se vê que **foi impossível fazer-se que um cão permanecesse, nem de dia, nem de noite, no aposento onde as manifestações se produziam**. Pouco tempo depois destas começarem, **ele fugiu e não mais o encontraram**.

John Wesley, fundador da seita que lhe tomou o nome, deu publicidade aos ruídos que se ouviam no curato de Epworth. Depois de descrever esses **sons estranhos, semelhantes aos que produziriam objetos de ferro ou de vidro caindo ao chão**, acrescenta ele:

“Pouco mais tarde, **o nosso grande mastim** ⁽⁵⁴⁾ **correu a refugiar-se entre minha mulher e eu. Enquanto duraram os ruídos, ele ladrava e pulava de um lado para outro, abocanhando o ar** e isso, as mais das vezes, antes que alguém, no aposento, houvesse escutado coisa alguma. **Ao cabo de três dias, tremia e se esgueirava rastejando, antes que começassem os ruídos.** Era, para a família, o sinal de que estes iam principiar, sinal que nunca falhou.”

Fazemos a respeito algumas observações, tomando-as ao ilustre naturalista Sir Alfred Russel Wallace. ⁽⁵⁵⁾

É sem dúvida notável e digna de atenção essa série de casos em que se puderam observar as impressões que os fantasmas produzem nos animais. Fatos tais certamente **não se dariam, se fossem verdadeiras as teorias da alucinação e da telepatia.** Eles, no entanto, merecem fé, porque quase sempre entram nas narrativas como episódios inesperados. Além disso, são anotados a fim de que não passem despercebidos, o que prova que os observadores conservavam o seu sangue-frio.

Mostram, irrefutavelmente, que grande número de fantasmas, percebidos pela visão ou pela audição, ainda quando seja uma única a pessoa que os perceba, constituem realidades objetivas. **O terror que manifestam os animais que os percebem e a atitude que assumem, tão diferente da que guardam em presença dos fenômenos naturais, estabelecem, de modo não**

menos claro, que, embora objetivos, não são normais os fenômenos e não podem ser explicados por qualquer embuste, ou por eventualidades naturais mal interpretadas. (56)

Gabriel Delanne, como todos sabemos, foi um dos pesquisadores clássicos do Espiritismo, ele também relata nas obras *A Alma é Imortal* e *A Reencarnação* vários casos em que animais sentiram a presença de Espíritos.

Em **Gênese da Alma** (1927), Cairbar Schutel (1868-1938) registra o caso de um gato que obedece e reconhece um Espírito que se manifestava. Eis a narrativa do episódio:

Vamos transcrever *ipsis verbis*, o relato da sessão, publicado resumidamente pela *Revue Spirite*, de Paris.

“Frequentemente os Espíritos, voltando em sessão, aos meios onde viveram, manifestam interesse por minudências fúteis, em aparências, e que se poderia crer longe de seus pensamentos. É assim que **em Manchester se manifestou, em casa da médium Miss Morse**, uma entidade, morto na Guerra do Transval. **Em vida este soldado estimava muito um gato russo de propriedade da dona da casa.**

O gato nunca fora à sala durante as sessões, mas, quando se manifestou a entidade, as primeiras palavras desta foram que permitissem a presença de *Tony*; e acrescentou **que iria procurar o gato.**

De repente a mesma entidade disse: Encontrei-o, aí vem ele!

Nesse momento o gato arranhou a porta. Permitido o ingresso do gato, **este saltou sobre os joelhos da médium,** onde ficou até que o Espírito do soldado prevenisse o encerramento da sessão. Ditas as últimas palavras, *Tony* saltou ao chão e manifestou a intenção de tornar a seu ninho, no quarto onde o amigo o fora despertar”.
(57)

É um caso curioso, mas o fato é que tudo nos leva a não duvidar de que o gato reconheceu o Espírito que, quando vivo, muito lhe estimava.

O pesquisador espírita Ernesto Bozzano (1862-1943), foi um professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim, em sua obra ***Os Animais Têm Alma?*** (1950), além de 130 casos que corroboram faculdades sensitivas dos animais, ele cita dez casos de materializações de animais. Elaboramos o seguinte quadro resumo:

ERNESTO BOZZANO: Cento e trinta casos de manifestações de assombração, aparições e fenômenos supranormais com animais		
Tipo	Discriminação	Quant.
01	Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente (p. 13-40)	23
02	Alucinações telepáticas nas quais um animal é o percipiente (p. 41-44)	03
03	Alucinações telepáticas percebidas coletivamente pelo animal e pelo homem (p. 45-56)	21
04	Visões de espíritos humanos tidas fora de qualquer coincidência telepática e percebidas coletivamente por homens e animais (p. 57-75)	20
05	Animais e premonições de morte (p. 77-87)	09
06	Animais e fenômenos de assombração 1º grupo: Manifestação de assombração percebidas por animais (p. 89-100)	13
	2º grupo: Aparição de animais em lugares assombrados (p. 100-113)	27
08	Visão e identificação de fantasmas de animais mortos (p. 125-146)	14
	Sub-total	130
07	Materializações de animais (p. 115-124) (*)	10
	Total	140
(*) As ocorrências listadas de Materializações de animais não foram incluídas na sequência da numeração dos casos citados na obra.		
BOZZANO, Ernesto. <i>Os Animais Têm Alma?</i> Niterói (RJ): Lachâtre, 2004.		

Ao detalhar os casos que Bozzano cita, o nosso objetivo foi produzir algo visual para, facilmente, se ter como mensurar o conjunto de provas que ele apresenta.

Fora os dez casos de materializações, esse livro de Bozzano contém 130 casos; 89 deles, a nosso ver, não deixam margens a dúvidas quanto ao fato de que os animais têm alguma capacidade de percepção “extrassensorial” ou “psíquica”, como se queira denominá-la.

Nele também temos 51 exemplos relativos a manifestações de espíritos de animais (Tipo 06, 2º grupo e Tipo 08), até mesmo de materializações (Tipo 07). Como visto, os 10 casos do Tipo 07, não constam do total de 130.

Casos de manifestações de animais vivos

Trataremos aqui somente dos casos de aparições, ou seja, de manifestações de animais vivos, deixando para o próximo capítulo aqueles em que ocorreram transmissões telepáticas.

Este primeiro caso é antigo e que se encontra registrado na obra ***A Vidente de Prevorst***, na qual Justinus Kerner (1786-1862) relata suas pesquisas com a médium Frederica Hauffe (1801-1829), durante três anos, de 25 de novembro de 1826 a 2 de maio de 1829. Da 2ª parte, “Fatos sobrevindos em Weinsberg”, Sexto Caso, transcrevemos:

Hahn e Kern pegaram uma cama e a levaram para o quarto oposto e, assim que partiram, uma vasilha destinada à água ferruginosa caiu ao pé de duas pessoas que lá ficaram, e um candelabro de cobre foi atirado ao chão. No aposento oposto, a noite passou-se tranquila, embora houvesse os ruídos do quarto abandonado. A partir deste momento cessaram os fenômenos e só se viu de

apreciável o incidente seguinte:

Algumas semanas depois de sua volta, Hahn, entrando em casa, atravessou a ponte que conduzia ao castelo e **ouviu passos de um cão atrás de si**. Olhou para todos os lados, chamou pelo nome **um cão de caça muito ligado a ele**, pensando que o seguia, mas, **embora se ouvissem sempre os passos, nada pode ver, e concluiu ser uma ilusão**. Entretanto, apenas pusera o pé no quarto, **Kern tomou-lhe apressadamente a porta da mão e chamou o cão por seu nome, dizendo que o tinha visto, mas que desaparecera**. Hahn perguntou se **tinha realmente visto o cão**.

– **Por certo que o vi – disse Kern – ele vinha atrás de ti e passou metade do corpo pela porta**, o que me levou a retirá-la de tua mão, com medo de que, não o vendo, o apertasses ao fechá-la. **Era um cão branco e tomei-o por Flora**.

Procurou-se logo o cão e foram encontrá-lo na cavaliçã onde ficava preso o dia todo. É isto espantoso, mesmo supondo-se que Hahn se tivesse enganado, acreditando ter-lhe ouvido os passos; que Kern pensasse ter visto atrás dele um cão branco, antes que o amigo lhe dissesse qualquer palavra, tanto mais que **não havia na vizinhança outro animal desta espécie**. Há mais: ainda não estava escuro e Kern tinha excelente vista. ⁽⁵⁸⁾

Estaríamos diante da materialização do espírito

de um animal vivo? A não ser que consideremos o relato falso ou que os dois amigos de infância – Hahn e Kern – tenham se enganado quanto ao fato de terem visto o cão, apesar de terem escutado seus passos, mas tudo aponta para essa possibilidade.

Na obra ***Os Animais Têm Alma?***, Bozzano registra este caso:

Caso IX – (Auditivo-coletivo) – Destaco do quarto volume, páginas 289/290, do *Journal of the Society for Psychical Research*, o seguinte caso, narrado pela sra. Beauchamp, de Hunt Lodg, Twiford, numa carta dirigida à sra. Wood, de Colchester, narração da qual extraímos o trecho a seguir:

Megatherium é o nome do meu cachorrinho hindu, que dorme no quarto de minha filha. Na noite passada, acordei subitamente ao ouvi-lo saltitar no quarto. **Eu conhecia bem a sua maneira de saltitar,** muito característica. Meu marido, por sua vez, não tardou a despertar. Interroguei-o, dizendo: **“Você ouve isto?” e ele me respondeu: “É Meg”.** Acendemos logo uma vela, procuramos por todas as partes, mas não pudemos achá-lo no quarto porque a porta dele estava bem fechada. **Então ocorreu-me a ideia de que alguma desgraça sucedera a Meg. Tinha o pressentimento de que ele havia morrido naquele momento.** Consultei o relógio para

precisar a hora e pensei que devia descer e ir imediatamente assegurar-me de minha intuição, embora isto me pareceu um absurdo, e, depois, fazia tanto frio... Fiquei indecisa um instante e o sono voltou.

Pouco tempo devia ter-se escoado quando alguém veio bater à porta. Era a minha filha que, com uma expressão de grande ansiedade, exclamou: “Mamãe, mamãe, **Meg está morrendo.**” Descemos a escada de um salto e achamos Meg virado de lado, com as pernas esticadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido levantou-o do chão e certificou de que **o cão ainda estava vivo**, mas ele não chegou a verificar o que tinha sucedido. Verificou-se finalmente que Meg, não se sabe como, **tinha enrolado a correia** de sua pequena veste em torno do pescoço de tal modo que **quase se estrangulou**. Nós o libertamos imediatamente e, logo que o animal pôde respirar, se reanimou e se restabeleceu.

De agora em diante, se me acontecer experimentar sensações precisas desta natureza a respeito de alguém, proponho-me acudir sem demora. **Juro ter ouvido o saltitar tão característico de Meg perto da cama** e eu afirmar a mesma coisa.

Para maiores detalhes sobre este caso, envio o leitor ao citado número do *Journal*.

Ainda neste caso, cuja gênese claramente telepática parece fora de qualquer dúvida (tanto mais que, desta vez, as pessoas que receberam as impressões auditivas foram duas), neste caso

ainda, digo eu, **a manifestação telepática se realiza sob uma forma simbólica, isto é, um apelo urgente de socorro, partindo da mente do cãozinho agente**, chega até ao percipiente transformando em um eco característico do saltitar que o animal fazia cada manhã junto ao leito dos seus donos.

Ora, **é incontestável que uma percepção telepática desta categoria**, dadas as circunstâncias nas quais ela se produziu, não poderia constituir a expressão exata do pensamento do agente, mas somente uma tradução simbólico-verídica do pensamento do mesmo. Com efeito, **é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado, tenha voltado intensivamente seu pensamento para aqueles que eram os únicos que podiam salvá-lo**, não sendo, ao contrário, admissível, de modo algum, que o animal, naquele momento supremo, tenha pensado, ao contrário, nos pulinhos que ele tinha o costume de dar todas as manhãs junto ao leito de seus donos. ⁽⁵⁹⁾

Pela particularidade desse caso, julgamos que se pode acreditar na manifestação do espírito de um animal vivo, talvez até mesmo materializado uma vez que se ouviu seus pulos, pois esse é um tipo de fenômeno que também acontece com homens vivos, conforme se comprova com os vários casos que Allan Kardec registrou na *Revista Espírita*.

De **A Reencarnação**, transcrevemos esta narrativa de Delanne:

Eis [um dos] dois outros casos que apresentei na minha memória ao Congresso de Londres de 1898; colho-os em Dassier. O texto não me permite saber se estamos em presença de manifestações de animais póstumos ou vivos, mas parece, se são exatas as descrições, que **num ou noutro caso a materialização é certa.**

“L. Dassier reporta-se ao testemunho de um cultivador que, entrando em casa, em hora avançada da noite, **viu um burro que passeava em um campo de aveia.** Quis pôr o campo a abrigo de hóspede tão incômodo. **O burro deixou que se aproximassem dele,** e o cultivador o retirou do campo, sem resistência. **Chegou, assim, até à porta da estrebaria, mas, quando se dispunha a abri-la, a besta desapareceu-lhe das mãos, como uma sombra que se esvai.** Fartou-se ele de olhar em torno, mas não viu mais nada.

Tomado de terror, entrou precipitadamente em casa, e acordou o irmão para lhe revelar a aventura.

No dia seguinte, **foram ao campo** para saber se tão extraordinário ser tinha causado grandes estragos, mas encontraram a seara intacta. **O animal misterioso pastara uma aveia imaginária.** A noite era bastante clara para que o cultivador pudesse ter visto, distintamente, as árvores e os arbustos, a

muitos metros da estrada.” (60)

Pelo fato de o burro ter “desaparecido das mãos”, mas, posteriormente, ser visto no campo, entendemos que se trata de uma manifestação de animal vivo, embora Delanne tenha ficado em dúvida quanto a isso.

Jean Prieur (1914-2016), em ***A Alma dos Animais***, cita estes casos de manifestações de animais vivos:

1) Sophie (gata)

Testemunhado por Geneviève Maugis:

Eu tinha deixado minha gata Sophie no veterinário da rua André-del-Sarte para passar por uma cirurgia, mas estava extremamente preocupada e, na manhã seguinte, quando ouvi miar ao lado da minha cama, eu pensei: Está consumado, Sophie morreu, seu fantasma que está aqui veio para se despedir... Deus, obrigado, não era nada disso, ela estava salva como fiquei sabendo na parte da tarde. Era o contrário, **ela veio em desdobramento me visitar para me avisar de sua cura.** (61)

Alguns meses depois Sophie morreu e também se manifestou na condição de desencarnada, é claro.

2) Tigris (cão)

Vejamos **outro exemplo de fantasma de animal vivo**, mas desta vez o fenômeno é puramente visual, enquanto na primeira parte do testemunho de Geneviève era puramente auditivo.

Durante um evento social em Londres, o **médium Donald** interrompeu as conversas e exclamou:

– Por favor, um pouco de silêncio. Uma desgraça aconteceu com o nosso amigo Morton.

Os convidados protestam:

– Sim, Morton está doente, mas não é nada sério. Não é a primeira vez que isso acontece. Por que disse isso?

– Olha... lá... **seu cachorro Tigris no limiar da porta de vidro; ele veio para me dizer que está tudo acabado.**

Todo mundo olhou em direção da porta, não tem nada, todos acham que Donald está brincando.

No dia seguinte, a notícia chegou que **Morton havia falecido três horas após o aparecimento do fantasma do animal vivo...** Donald foi o único a ver o cão mensageiro. **O pensamento do animal cheio de angústia e de amor foi bastante poderoso para impulsionar seu corpo astral e avisar o melhor amigo do seu dono.**

Ainda que possa ter sido também uma visão telepática. (62)

Destacamos do final da narrativa: “O pensamento do animal cheio de angústia e de amor foi bastante poderoso para impulsionar seu corpo astral e avisar o melhor amigo do seu dono.”

Do livro ***Fenômenos Espíritos no Mundo Animal***, o autor Carlos Bernardo Loureiro (1942-2006) inseriu o cap. 13 - Sonambulismo animal, do qual transcrevemos:

O cão do neuropsiquiatra Nandor Fodor, autor da magnífica *Encyclopediadia of Science*, não tinha nada de especial, excluindo-se o fato de que *gostava de se divertir sobre as teclas do piano*: bastava-lhe ver o instrumento aberto para fazê-lo soar, a seu modo, alegrando assim, a filhinha do dono da casa. Infelizmente, aos olhos de Nandor Fodor, aquele cachorro tinha também **um grave defeito, o de ser inimigo declarado de seus livros**. Onde quer que encontrasse algum livro, atirava se sobre ele e o dilacerava com unhas e dentes. Uma verdadeira tragédia, para o notável pesquisador húngaro. **Isso o obrigou a desfazer-se do animal, dando-o a uma família amiga.**

Por volta de 1921, vai para a América do Norte, integrando-se no corpo de redatores do jornal

Amerika Magyar Nepzana (American Hungarian People Voice).

A descoberta de um livro do brilhante pesquisador psíquico e escritor Hereward Carrington estimulou a imaginação de Fodor, e deu uma nova e alvissareira direção aos seus interesses. O livro era *Moderno Fenômeno Psíquico* (Modern Psychic Phenomeno), publicado em 1919. E Fodor lembra que o encontrou em uma livraria da Avenida, em Nova Iorque. Daí em diante ele encontrou sua verdadeira vocação: pesquisador psíquico, um dos maiores, embora um tanto e quanto desconhecido da maioria dos estudiosos da fenomenologia espiritual.

Certa noite, Nandor Fodor **despertou e ouviu algo raspando a porta de seu quarto, como costumava fazer, às vezes, o cão exilado, quando dormia no corredor.** Ouviu depois, **patas caminharem pela casa, e outros rumores inconfundíveis.** Devia ser ele, sem dúvida. Mas como era possível? Enquanto estava às voltas com suas perplexidades, **ecoaram notas desordenadas do piano, iguais as que o instrumento emitia sob as patas caninas.** No entanto, **o piano estava fechado** e na casa não havia outras pessoas, além de Nandor Fodor, a esposa e a filha já adormecida. Como esclarecer o mistério? O próprio pesquisador, em artigo publicado no órgão oficial da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, tece os seguintes comentários:

“Era inevitável que eu associasse aquelas notas

musicais às proezas análogas de meu cachorro. Talvez na quele momento ele estivesse sonhando com vivacidade sobre a moradia em que vivera feliz e que tinha perdido pela sua má conduta. Como quer que seja, o fato é que **não podemos explicar os fenômenos psíquicos ocorridos sem acolhermos uma hipótese diferente da telepatia.** Aqueles ruídos que ouvi, e também as notas emitidas pelo piano, eram sem dúvida fenômenos objetivos, e não subjetivos. Dir-se-ia, portanto, que **o cão se havia desdobrado durante o sono e seu corpo onírico (perispírito) tinha vindo, em forma de fantasma, visitar-nos.**” E conclui: “Como nunca sofri de alucinação e, por outro lado, eu estava sem dúvida bem desperto e lúcido, creio que a hipótese do desdobramento seja a única capaz de explicar este complexo fato.”

“É preciso reconhecer esclarece Leo Talamonti (*Universo Proibido*, Milão, Itália) – em Nandor Fodor a coragem que demonstrou por haver trazido a público uma experiência desse gênero. Não acreditamos que se possa acusar de leviandade um estudioso que ligou de vários modos o nome à evolução trabalhosa e lenta dos conhecimentos paranormais.

“O caso que relatou, com precisão e simplicidade, **deixa patenteado o desdobramento do duplo animal**, ainda que façamos restrição ao termo corpo onírico, numa flagrante associação aos ordenamentos psicanalíticos de que o neuropsiquiatra húngaro era adepto. **Resta-nos observar a possibilidade de que também alguns animais, no curso do sono, fora do corpo, se**

entreguem a certo gênero de aventuras, até então só julgados possíveis aos seres humanos.” (63)

Ora, se há possibilidade de manifestação do espírito de animal vivo, por qual motivo não poderia se manifestar depois de morto, ainda que o “quase imediatamente” seja tomado com relação ao nosso tempo?

Em ***A Questão Espiritual dos Animais***, a Prof.^a Irvênia Prada, apresenta a seguinte consideração:

“Desdobramento” de animais encarnados – dentre as muitas perguntas que **apresentei ao Irmão Álvaro** (64), esta foi uma delas, relativa à **possibilidade de desdobramento do princípio inteligente de animais encarnados**, ao que ele esclareceu: **“os animais quando encarnados possuem raros desprendimentos espirituais, isso acontecendo apenas em casos de doenças, fase terminal da existência ou em casos excepcionais com a atuação dos Espíritos**, pois geralmente permanecem fortemente ligados à matéria”. [...]. (65) (itálico do original)

A informação do Espírito Irmão Álvaro é que os

animais, ainda que em situações bem excepcionais, podem, temporariamente, vivenciar o estado de emancipação da alma. Ao se desligar do corpo físico, a alma torna possível se apresentar em outro local, até mesmo um bem distante.

Prováveis casos com “transmissões telepáticas”

Considerando que o espírito ou alma dos animais sobrevive à morte e, como provado, pode se manifestar, julgamos não ser totalmente impróprio que, diante de uma situação aflitiva, como por exemplo, em risco perder a vida, eles, de alguma maneira, tentam se comunicar com as pessoas que os amam, ainda que as vibrações mentais produzidas por seus pensamentos não produzam nenhum significado verbal para nós, mas à maneira e de acordo com a inteligência deles.

Em ***Os Animais têm Alma?***, no cap. “Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente” (Tipo 01), são listados 23 casos, entre eles escolhemos estes dois a título de exemplo:

Caso I – (Em sonho, com indício aparente de posse) – É o caso Haggard, que me limitarei a narrar como foi resumido, com a maior exatidão, na

edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, enviando o leitor que desejar detalhes mais amplos ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychological Research*. Eilo:

O senhor Haggard conta que se tinha deitado tranquilamente lá pela uma hora da madrugada do dia 10 de julho. Uma hora depois, a sra. Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu o seu marido gemer e emitir sons desarticulados, “tais como um animal ferido”. Inquieta, ela o chamou por ele e o sr. Haggard percebeu a voz como em um sonho, mas não conseguiu livrar-se do pesadelo que o oprimia. Quando despertou completamente, contou à esposa que **tinha sonhado com Bob, o velho perdigueiro de sua filha primogênita e que ele o vira se debater numa luta terrível, como se fosse morrer.**

O sonho tivera duas partes distintas. A respeito da primeira, o romancista **lembra-se apenas de ter experimentado uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar.** Entre o instante em que ele ouvia a voz de sua esposa e aquele em que despertou, o sonho tomou uma forma mais precisa. “Eu via”, conta o sr. Haggard, “o velho Bob estendido entre os caniços de uma lagoa. Parecia-me que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, que comprimia a sua cabeça contra o meu rosto de uma maneira bizarra. Bob procurava como que me falar e, não se fazendo compreender pelo som, me transmitia, de outro modo indefinível,

a ideia de que estava prestes a morrer”.

O sr. e a sra. Haggard tornaram a dormir e o romancista não foi mais perturbado no seu sono. Na manhã seguinte, no desjejum, ele contou às filhas o que havia sonhado e riu com elas do medo que a mãe tivera. Atribuía o seu pesadelo à má digestão. Quanto ao cão Bob, ninguém se preocupou com ele, pois que, na tarde anterior, tinha sido com outros cães da vila e fizera os seus agrados à sua dona, como de costume. Quando a hora da refeição cotidiana passou sem que Bob aparecesse, a srta. Haggard começou a experimentar alguma preocupação e o romancista a supor que se tratasse de um sonho verídico. Então fizeram-se buscas ativas que duraram quatro dias, no fim das quais o próprio sr. Haggard **achou o pobre animal flutuando na água de uma lagoa, a dois quilômetros da vila, com o crânio fraturado e duas patas quebradas.**

Um primeiro exame, feito pelo veterinário, fez supor que o infeliz animal tivesse sido apanhado em uma armadilha, mas se encontraram em seguida provas indiscutíveis de que **o cão tinha sido apanhado por um trem na ponte que atravessava** a lagoa e que fora lançado, pelo choque, entre plantas aquáticas.

Na manhã de dezenove de julho, um cantoneiro da estrada de ferro achara na ponte a coleira ensanguentada de Bob. Agora não restava dúvida alguma de que **o animal morrera na noite do sonho.** Por acaso, naquela noite, tinha passado pela ponte, um

pouco antes da meia-noite, um trem extraordinário de recreio que devia ter sido a causa do acidente.

Todas essas circunstâncias são provadas pelo romancista por meio de uma série de documentos.

Segundo o veterinário, a morte teria sido quase instantânea; ela teria então precedido de duas horas, ou mais, o sonho do sr. Haggard.”

Tal é, em resumo, o caso acontecido com o escritor inglês no qual se encontram **várias circunstâncias de fatos que concorrem para excluir, de modo categórico, qualquer outra explicação que não seja a de transmissão telepática direta entre o animal e o homem.**

Não se podia tratar, com efeito, de um impulso telepático proveniente da inteligência de uma pessoa presente, pois que ninguém assistira ao drama nem fora informado dele, assim como se verifica pelo inquérito feito pelo próprio sr. Haggard, como, aliás, é fácil de presumir, levando-se em conta a hora avançada da noite na qual ele se passou.

Não se podia tratar de uma forma comum de pesadelo alucinatório, com coincidência fortuita, pois que as circunstâncias verídicas, que se encontram na visão, são verdadeiramente bem numerosas, sem falar do fato em si da coincidência entre o sonho e a morte do animal.

Não se podia tratar de um caso de telestesia graças ao qual o espírito do romancista teria visto, de longe, o desenrolar do drama, pois que, então,

o percipiente seria um espectador passivo, quando não foi assim. Como se pôde ver, **ele foi submetido a um fenômeno notável de personificação ou de um começo de possessão**. Esse fenômeno, tal como observou o editor do *Journal of the Society for Psychical Research*, oferece um paralelo interessante com as “personificações” e as “dramatizações” observadas tão frequentemente nos sensitivos ou médiuns no estado de transe.

Não se poderia, finalmente, falar em sonho premonitório, pois o sr. Haggard nada sabia sobre o acontecido, do que só soube mais tarde quando o cadáver do cão Bob foi achado boiando, na lagoa isto, quatro dias depois do estranho sonho. Com efeito, com essa solução, **não se chegaria a nenhuma explicação**: nem o fato da coincidência verídica entre o sonho e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização igualmente verídica do caso, **nem o caso, tão notável, de personificação ou possessão**.

Eis as principais considerações que concorrem para **provar, de modo incontestável, a realidade do fenômeno de transmissão telepática direta entre o homem e o animal**. Achei dever enumerá-los para responder quaisquer objeções que chegaram de diferentes setores, depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e comentou o caso em questão. Ao mesmo tempo, as mesmas considerações poderão servir de regra aos leitores para julgar sobre o valor da hipótese telepática relativamente aos casos que se seguirão. ⁽⁶⁶⁾

Acreditamos na possibilidade de um ser humano captar sensações vivenciadas por animais, provenientes de certos momentos de angustia, mas, doutrinariamente falando, não há a mínima possibilidade de ele servir de médium, mencionado como “personificação”, e, muito menos, ser possuído por espírito de animais.

Vejamos agora o segundo caso:

Caso IV – (Impressão) – Eu o extraio da *Light* (1921, p. 187). O seu narrador é o sr. F. W. Percival, que escreve:

O senhor Everard Calthorp, grande tratador de cavalos puro-sangue, no seu último livro intitulado *The horse as comrade and friend (O cavalo como companheiro e amigo)*, conta que ele possuía já há alguns anos uma **magnífica égua chamada Windermere**, à qual era profundamente ligado e que era retribuído com um transporte afetivo de modo a conferir ao caso aqui apresentado um caráter realmente emocionante. Quis a infelicidade que a égua se afogasse numa lagoa perto da herdade do senhor Calthorp, que expõe assim as impressões experimentadas no trágico momento:

“Às três e vinte da manhã de 18 de março de 1913, despertei, de sobressalto, de profundo sono, não por causa de algum ruído ou algum

latido, mas por **um pedido de ajuda que me transmitia – não sei como – a minha égua Windermere**. Apurei os ouvidos e não percebi o menor ruído naquela noite calma, mas, **assim que despertei completamente, senti vibrar, no meu cérebro e nos meus nervos, o apelo desesperado de minha égua**. Compreendi deste modo que ela se encontrava em perigo extremo e que invocava auxílio imediato meu. Vesti o sobretudo, calcei as botas, abri a porta e pus-me a correr pelo parque. Não ouvia latidos nem gemidos, porém sabia, de um modo incompreensível e prodigioso, de qual lado vinha essa espécie de telegrafia sem fio. Retiniam sempre mais fracamente no meu cérebro e, quando cheguei à margem da lagoa haviam cessado. Buscando na água da lagoa, percebi que ela estava ainda enrugada por pequenas ondas concêntricas que atingiam a margem e, no meio dela, percebi uma massa preta que se precisava sinistramente na primeira claridade da alvorada. Compreendi logo que se tratava do **corpo de minha pobre Windermere** e que, infelizmente, eu respondera muito tarde ao seu apelo, pois ela estava morta.”

O sr. F. W. Percival, reproduzindo esta narração na revista *Light* (1921, p. 187), observa:

Sem dúvida, nos casos iguais a este, faltamos o testemunho do agente, mas **isto não impede que as três regras de Myers, destinadas a distinguir os fatos telepáticos daqueles que não o são**, sejam todas da mesma maneira aplicáveis ao caso de que nos

ocupamos. **As ditas três regras são as seguintes:** 1ª – que o agente seja encontrado numa situação excepcional (aqui o agente lutava contra a morte); 2ª – que o percipientes tenha experimentado algo de psicologicamente excepcional, inclusive uma impressão de natureza a fazer conhecer o agente (aqui a impressão que revela o agente é manifesta); e 3ª – que os dois incidentes coincidam no ponto de vista do tempo (esta condição é igualmente satisfeita).

Poder-se-ia acrescentar que o fato do **impulso telepático** foi bastante preciso e enérgico para despertar o percipiente de um sono profundo e fazer-lhe perceber imediatamente que **se tratava de um pedido de socorro da parte de sua égua** e orientar os seus passos, sem nenhuma hesitação, para o teatro do drama. **Não parece então que se possa pôr em dúvida a origem realmente telepática do acontecimento.** ⁽⁶⁷⁾
(itálico do original)

Para Bozzano, o caso realmente trata de um pedido de socorro por parte da égua, fato que implica não se poder colocar em dúvida a sua origem telepática.

Em **A Reencarnação**, Gabriel Delanne tece considerações a respeito de Bozzano, dizendo o seguinte:

A analogia certa que existe entre as manifestações intelectuais dos animais superiores e as do homem leva-nos a indagar **se as faculdades supranormais, que se verificam em nós, não poderiam existir, em um grau qualquer, entre os que se têm chamado, a justo título, nossos irmãos inferiores.**

É evidente que o assunto só pode ser resolvido pela observação. Ora, sobre ele, já existe certo número de narrativas reunidas por Bozzano, o grande psicólogo italiano. Ele as publicou nos “Annales des Sciences Psychiques” (Anais das Ciências Psíquicas), de agosto de 1905. Infelizmente, não posso, a meu pesar, por motivo da exiguidade do meu quadro, reproduzi-las integralmente; farei, apenas, algumas citações, que **parecem provar a hipótese da transmissão de pensamento entre o animal e o homem, com iniciativa no primeiro.** Se se multiplicarem as observações, a identidade fundamental do princípio inteligente em todos os animais superiores ficará estabelecida de maneira a não deixar qualquer dúvida. ⁽⁶⁸⁾

Delanne, sem demonstrar estranheza alguma, aceita a possibilidade de transmissão de pensamento entre o animal e o homem, com iniciativa do primeiro.

O escritor e jornalista Celso Martins, professor de Biologia e de Física, na cidade do Rio de Janeiro,

atualmente aposentado, na obra **A Alma dos Animais**, relata o seguinte caso relativo a sonhos, chamados inteligentes, sobre os quais admite a possibilidade de alguns serem nítidos e aí dá o seguinte exemplo:

Uma senhora teve uma desinteligência com a marido e este desapareceu, não deixando o menor vestígio, a despeito das investigações que ela fez. Ora, **determinada noite teve um sonho. Seu cãozinho** que com ela vivera há anos e que fora com o marido, aparece-lhe, **dá latidos de alegria, cobre-a de carícias**. Depois, o bichinho (tudo no sonho) instala-se a seus pés e não tira os olhos dela. Em seguida, **levanta-se e passa a arranhar a porta** (repito, tudo isto durante o sonho). **E arranha tanto a porta como que querendo dizer-lhe: – Já lhe fiz a minha visita: agora devo ir embora**. A mulher abre a porta e segue o animal que se afasta depressa e ela (no sonho ainda) atrás dele. Lá pelas tantas o cãozinho entra em determinada casa. **A mulher acorda conseguindo reter na memória tudo o que vira: a rua onde o animal andou, a paisagem em derredor e a casa aonde ele chegou e entrou**. No dia imediato, aquela mulher **relata a três amigos este sonho tão nítido e resolveu tirar a limpo aquela história**. Os leitores já adivinharam o final da novela: **Aquela senhora localizou a rua e a casa e descobriu o marido fujão!**

Está aí um exemplo da existência de um

princípio inteligente nos animais, o qual é capaz até de pôr-se em contato com os homens (no caso, aquela senhora. [...]).⁽⁶⁹⁾

Temos aí, portanto, um animal que, segundo a narrativa, entrou em contato com um ser humano. Conseguiu de alguma maneira, ainda que bem primitiva, indicar à senhora onde se encontrava o marido a quem procurava.

A prof.^a Irvênia Prada, em ***A Questão Espiritual dos Animais***, levanta um ponto bem interessante a respeito da fala de Erasto que nós mencionamos:

Aqui surge um fato interessante, relativo à restrição apontada por Erasto, de que os animais não podem reproduzir o que eventualmente entendam, pois há os que podem! **A Ciência demonstrou, há algum tempo, que chimpanzés e gorilas são capazes de se comunicar com os seres humanos usando a linguagem de sinais para auditivos, uma linguagem humana**, portanto. O casal Allen e Beatrix Gardner, ambos cientistas do corpo docente da Universidade de Nevada, dos Estados Unidos, e seu assistente Roger Fouts, autor do livro *O parente mais próximo* ⁽⁷⁰⁾, ensinaram a Washoe e outros chimpanzés, conforme referi anteriormente, a linguagem dos

sinais, através da qual eles conseguem articular frases gramaticalmente corretas e expressar sentimentos como solidariedade, raiva, compaixão, ciúme e inveja ou senso de humor.

Fours (71) ressalta que, além da habilidade de aprender, demonstrada por Washoe e outros chimpanzés, o mais importante foi **confirmação de que a capacidade de transmitir informações não é exclusivamente dos seres humanos**. De fato, na sua relação com o filhote e outros membros do grupo, Washoe ensinou a linguagem humana aprendida, demonstrando, portanto, sua capacidade de reproduzir informações. O pesquisador salienta que o caso de Washoe não é isolado, pois vários outros chimpanzés demonstraram essa aptidão.

Ficam essas considerações como uma porta aberta a reflexões e, quem sabe um dia, à possibilidade de pesquisas sobre o assunto. Talvez essa **capacidade de os animais compreenderem certos pensamentos do ser humano**, como refere Erasto, esteja relacionada à citação de Bozzano (72), no início do capítulo, a respeito da **participação de animais em fenômenos de telepatia**. (73)

Interessante é ver como certas coisas acontecem... Determinado ponto não é aceito por muitos, enquanto inúmeros outros o aceitam sem grande dificuldade. O que percebemos é que se já

termos um (pre)conceito sobre algo isso nos leva a rejeitar tudo quanto venha a contrariar o que já pensamos dele.

III - ANIMAIS DESENCARNADOS

As manifestações de animais não seriam tão só criações mentais?

Alguns confrades entendem que, senão todas, pelo menos a maioria das manifestações de animais como sendo apenas criações fluídicas produzidas pela mente de Espíritos. Assim não seriam elas, propriamente falando, uma realidade manifesta.



Na imagem temos uma representação da manifestação de cãozinho desencarnado se aproximando do dono, demonstrando-lhe seu amor (74).

Vamos listar algumas ocorrências para ver se, de fato, é isso mesmo o que acontece.

É oportuno trazermos este trecho de **O Livro dos Médiuns** dito pelo Codificador, que segundo ele, os Espíritos constantemente recomendavam: “[...] precisamos aprofundar o sentido de suas palavras, quando apresentarem a menor ambiguidade. [...]” (75)

Retornando à **Revista Espírita 1861**, mês de julho, para ver mais de perto o artigo “As visões do Sr. O.”, publicado em “Variedades”, pois nele existem detalhes importantes que devem ser mencionadas:

As visões do Sr. O.

Extraímos o relato seguinte do *Spiritual Magazine*, publicado em Londres, número de abril de 1861.

“O Sr. O..., gentil-homem de Gloucestershire, jamais tinha tido visões até o momento que veio

morar em P..., em 3 de outubro de 1859. Em torno de quinze dias depois de sua chegada, começou a ver à noite; no início eram raios luminosos que vinham clarear seu quarto, passando pela janela; deu-lhes pouca atenção, atribuindo isso à lanterna de um vigilante ou a um longo relâmpago. Entretanto, uma noite em que fixava seus olhos sobre a parede de seu quarto, viu se formar uma rosa e em seguida estrelas de diversas formas. Uma outra noite viu, na misteriosa luz, dois anjos magníficos tendo uma trombeta. Naquela noite o Sr. O... se retirara mais cedo que de costume por causa de uma ligeira indisposição que sentira. A presença desses dois anjos, que durou um ou dois segundos, fê-lo sentir uma doce sensação, que durou mesmo depois de sua partida.

Na semana seguinte **a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança abraçando um pequeno gato**. Várias outras figuras apareceram do mesmo modo, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março, o perfil de uma senhora cercada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe, e gritou todo feliz: Minha mãe! Minha mãe! Mas essa visão desvaneceu-se logo. Na mesma noite, viu uma bela senhora, em roupa de cidade, com um chapéu na cabeça.

Uma ou duas noites depois ele **viu um lindo e pequeno cão** e um pequeno rapaz. Uma luz apareceu-lhe em seguida, semelhante àquela de uma janela cujo contorno não estava nitidamente marcado, o que se renovou quatro vezes, e as três primeiras vezes durante cerca de meio minuto. O

Sr. O... se recolheu e procurou adivinhar o sentido dessa visão, e acreditou que ela significava que não tinha mais que três anos ou três meses para viver. A luz retornou ainda uma vez; o Sr. O... se levantou sobre seu assento e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

“Em 3 de abril ele viu uma luz fazendo o efeito de uma fonte luminosa, e no interior do quarto uma parte de figura de homem: só a fronte, os olhos e o nariz eram visíveis; os olhos muito grandes e salientes olhavam-no fixamente. Isso desapareceu logo. Nas datas abaixo teve ainda as visões seguintes:

“4 de abril. – Rosto e busto de uma senhora sorrindo para duas crianças que se abraçavam uma na outra. Um pouco depois era o alto da cabeça de um homem, que o Sr. O... reconheceu pelos cabelos e a fronte como um de seus amigos morto recentemente. – 27 de julho. – Uma mão dirigida para baixo. Isso apareceu primeiro sobre a parede como uma luz fosforescente e tomou gradualmente a forma de mão. Então viu uma cabeça de homem idoso pertencente a essa mão, e **um pequeno pássaro cinzento de penas claras**. Essa figura olhava-o com ar solene, mas desapareceu; nisso sentiu um certo medo e julgou tremer, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação de calor agradável. Viu também um rolo de papel sobre o qual havia hieróglifos. – 12 de dezembro. **Um pássaro em seu ninho** dando bicadas em seus pequenos. – 13 de dezembro. – **Dois cabeças de leopardos**. – 15 de dº. – Um forte golpe que foi ouvido pela senhorita S... em

seu quarto, e que despertou o Sr. O..., que dormia profundamente. – 16 de dº. – Um barulho de sinos ouvido também pela senhorita S... – Um anjo com uma pequena criança brilhante, que se transformaram em flores. – **Uma cabeça de cervo** com grandes cornos. – 18 de dº. – Alguns rostos e **duas pombas**. – 1º de janeiro. – Um grande barco atrás do qual se eleva uma cabeça de criança gradualmente e acaba por voar para frente. – 3 de janeiro. – Um querubim e uma criança.

“Uma noite viu **uma pintura representando uma soberba paisagem**; era como uma abertura na obscuridade; **via praias, árvores, etc., um homem e uma vaca**. A mais bela claridade do sol iluminava essa paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que frequentemente a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis, como em pleno dia; quando ela desaparece, tudo entra na obscuridade.

O Sr. O... teve muitas outras visões das quais negligenciou tomar nota.”

Parece-nos que as há suficientes para nos permitir apreciá-las, e **não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida** sobre a causa e a natureza dos fenômenos espíritas **possa considerá-las como verdadeiras aparições**. Querendo se reportar ao primeiro artigo deste número, onde tentamos **determinar o caráter da alucinação, compreender-se-á a analogia que elas têm com as figuras que se apresentam**, frequentemente, na sonolência, e que devem ter as mesmas causas. **Disso estaríamos convencidos unicamente pela multidão de animais que ele**

viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseqüentemente, não pode haver aparições de animais, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal. O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las por toda a parte, e de tomar portais os jogos de certas imaginações fáceis de exaltarem, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro; a minúcia mesmo com a qual o Sr. O... revela certas particularidades insignificantes é o indício da natureza das preocupações de seu Espírito.

Em resumo, **não encontramos nada nas visões do Sr. O... que tenham o caráter de aparições propriamente ditas**, e cremos que há muito inconveniente em dar semelhantes fatos sem comentários, e sem fazer prudentes reservas, porque se fornecem, sem o querer, armas à crítica.
(76)

Sim, de fato, as visões do Sr. O..., têm tudo para serem alucinações. A explicação de Allan Kardec, sentimos muito, mas não nos pareceu muito sólida, já que por ter ocorrido “aparições” de vários animais ele as tratou como alucinações, justificando-se “não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseqüentemente não pode haver

aparuições”.

Acreditamos que os casos de manifestações de animais, que estão sendo apresentados nessa pesquisa, incluindo alguns citados em obras da Codificação, demonstram justamente o contrário.

Por outro lado, o Codificador admite a possibilidade de que algumas aparições possam ocorrer no “caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal.”

Deste modo, um Espírito desencarnado é que “criaria” uma imagem de certo animal, mas ele não seria real, apenas uma criação fluídica. Em algumas situações isso é bem possível, mas, julgamos ser mais prudente não generalizar para todas e quaisquer aparições de animais como se elas fossem desse tipo.

Vejamos trechos dos itens 126, 128 e 129 de **o Livro do Médiuns**, cap. VIII – Laboratório do Mundo Invisível, pela tradução de José Herculano Pires (1914-1979), edição da LAKE:

126. [...] Poderíamos citar grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de pessoas vivas apareceram com **diversos objetos**, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc. (77)

128. [...] 16. O Espírito tem sempre consciência da maneira pela qual produz **suas vestes ou os objetos** que torna aparentes?

– Não. Muitas vezes ajuda a formá-los por uma ação instintiva, que ele mesmo não compreende, se não estiver suficientemente esclarecido para isso. (78)

129. A teoria acima pode ser resumida assim: o Espírito age sobre a matéria; tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, como quiser, **objetos com a aparência dos diversos corpos na terra**. Pode também operar, pela vontade, sobre a matéria elementar, uma transformação íntima, que lhe dê certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que **a exerce muitas vezes de maneira instintiva** e, sem o perceber, quando se faz necessário. **Os objetos formados pelo Espírito são de existência passageira**, que depende da sua vontade ou da necessidade: ele pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. **Esses objetos, em certos casos, podem parecer para os vivos perfeitamente reais**, tornando-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis. **Trata-se de formação e não de criação**, pois o Espírito não pode tirar nada do nada. (79)

Então, temos que os Espíritos manipulando a matéria cósmica universal podem “formar” determinados objetos, conforme deseja. Atenção quanto ao termo utilizado nos itens: **objetos**.

Oportuno recorrermos ao trecho do item 14, do cap. XIV – Os Fluidos, de **A Gênese**, do tópico “Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento”, uma vez que ele é sempre citado para justificar como sendo somente criações mentais as manifestações de animais. Trata-se do último parágrafo, no qual é mencionada a palavra “bois”:

Por um efeito análogo, o pensamento do **Espírito cria fluidicamente os objetos** que ele estava habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; **um lavrador seu arado e seus bois**; uma mulher velha, a sua roca. Para o Espírito, que também é fluídico, **esses objetos fluídicos** são tão reais como o eram antes, no estado material, para o homem vivo; mas **em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto a do pensamento que os gerou.** ⁽⁸⁰⁾

Allan Kardec ao dizer “cria fluidicamente objetos” e “objetos fluídicos” está se referindo à possibilidade de o pensamento criar algo como que “fotografias” daquilo que o Espírito ainda se encontra apegado, mas, nesse caso, os objetos criados teriam existência tão fugaz quanto a do pensamento que os criou.

Porém, algumas dúvidas nos surgem: A criação mental de animais se movimentaria tal como fazem os vivos ou seria algo extático, como que numa fotografia? Eles, os animais, poderiam ser classificados como “objetos”? Existe algum caso registrado de “criação fluídica animada” de algum animal?

Em nossa opinião ao dizer “seu arado e seus bois”, o Codificador se referia a um conjunto, peculiar ao lavrador, pois era o que usava para arar sua terra, preparando-a para o plantio, e não ter criado da maneira separada o arado e os bois, um objeto e um ser vivo, respectivamente, como nos parecem pensar alguns confrades.

Em princípio, diríamos que tais objetos

mencionados não são animados, mas uma espécie de fotografia, até mesmo por conta do título do artigo - “Fotografia do pensamento”.

Na **Revista Espírita 1868**, mês de junho, o Codificador pública novamente o artigo “Fotografia do Pensamento”, dizendo que completa com novas observações o que havia dito em *A Gênese*. Em razão disso, vejamos os principais parágrafos, cujo teor se pode considerar como “novas observações”:

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, em verdade, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos toda nova que se passam fora do mundo tangível, e constituem, podendo-se assim dizer, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, disto resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material, e são inexplicáveis para quem não lhes conhece as leis. O conhecimento dessas leis é, pois, tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, uma vez que só elas podem explicar certos fatos da vida

material.

O pensamento, criando *imagens fluídicas*, se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores de ar; **ela ali toma um corpo e se *fotografa* de alguma sorte**. Que um homem tenha, por exemplo, a ideia de matar um outro, por impassível que seja seu corpo material, **seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuances**; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de realizar; seu pensamento cria **a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro**, tal qual ela está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, **pode ler numa outra como num livro**, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem sobre os indícios do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê sobre os indícios da alma os pensamentos que não se traduzem ao redor.

No entanto, segundo a intenção, **o vidente** pode bem pressentir o cumprimento do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o momento em que se cumprirá, nem lhe precisar os detalhes, nem mesmo afirmar que ocorrerá, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos decididos e mudar as disposições. **Ele não pode ver o que não está ainda no pensamento**;

o que vê é a preocupação do momento, ou habitual, do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más; daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão presentir-lhe a probabilidade segundo o pensamento que veem, mas não afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. [...].

A teoria das criações fluídicas e, conseqüentemente, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno, e pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente. A fonte das visões fantásticas, e deve desempenhar um grande papel em certos sonhos. ⁽⁸¹⁾ (itálico do original)

Os parágrafos 1º, 3º e 4º, dessa transcrição, com pequenos ajustes que não afetaram o conteúdo, foram inseridos na obra *A Gênese*, cap. XIV - Os fluidos, tópico "Qualidade dos fluidos", item 15.

Em relação às criações fluídicas podemos resumir, tomando do acima transcrito: "O pensamento, criando imagens fluídicas, se reflete no envoltório espiritual, elas ali tomam um corpo e se fotografa de alguma sorte.

Que um homem tenha, por exemplo, a ideia de matar um outro, o seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuances; seu pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual ela está em seu espírito.”

Se as criações fluídicas são refletidas no envoltório espiritual, ou seja, no perispírito, então, elas devem se apresentar ligadas a ele e não como uma criação à parte e, como em vários casos, tendo “vida própria”.

Mais convictos ficamos disso, ao lermos, na **Revista Espírita 1869**, mês de março, no artigo “Aparecimento de um filho vivo à sua mãe”, este trecho da explicação de Allan Kardec:

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis **são, pois, verdadeiras criações fluídicas**, frequentemente inconscientes; a roupa, os sinais particulares, as feridas, os defeitos do corpo, **os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.** ⁽⁸²⁾

Então, fica claro que “os objetos dos quais se

faz uso, são o reflexo do seu próprio pensamento no envoltório perispiritual”, confirmando o nosso pensamento.

Ora, os casos de manifestações de animais, como os já vistos e os que ainda veremos, são “criações” à parte com “vida animada” e não semelhante a um quadro ou fotografia produzido no perispírito. E além disso, em algumas situações, apresentam-se em tempo relativamente longo e não fugaz como o pensamento.

Citaremos apenas um exemplo, reportando-nos ao caso, que mais à frente será relatado por completo, ocorrido com a médium Mme. Elisabeth d'Éspérance (1855-1919), narrado por Delanne em **A Reencarnação**:

Um ano depois, quando eu entrava, certa manhã, na sala de jantar, vi, com grande espanto, **a pequena Monna**, que corria, **saltando** em volta do quarto e que parecia **tomada de um frenesi de alegria**; girava, **girava**, ora metendo-se embaixo da mesa, ora intrometendo-se pelas cadeiras, **como fazia em seus momentos de excitação e alegria**, depois de uma ausência mais ou menos longa de casa. ⁽⁸³⁾

A manifestação da cachorrinha Monna, tem característica de uma fotografia ou de um ser vivente, na condição de um espírito livre?

Assim, como, por vários motivos, nem todos seres humanos desencarnados se manifestam, o mesmo poderá acontecer em relação aos animais. Acreditados que existem, pelo menos, duas possibilidades para eles se manifestarem:

1ª) a força do pensamento deles acabam por produzir uma certa condensação do seu corpo perispiritual, gerando assim a sua aparição;

2ª) por ação de Espíritos que julgam necessária a manifestação deles produzindo materializações, como o faria consigo mesmo, manipulando o ectoplasma para produzir o fenômeno desejado.

São apenas hipóteses, não questões fechadas.

Do artigo “Pierre Legay, dito Grand-Pierrot”, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, destacamos dos comentários do Codificador o seguinte trecho:

Já vimos mais de um exemplo de **Espíritos se**

crendo ainda vivos. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos de maneira mais caracterizada. Aqueles que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que não se pensa; em lugar de fazer exceção, de oferecer uma variedade no castigo, isso seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de uma certa categoria. [...].

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro e não deixa de fazer sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. **Compreende-se que Pierre Legay se imagine subindo no trem, porque a estrada de ferro é uma coisa real, existe; mas compreende-se menos que ele creia ter dinheiro e pago a sua passagem.**

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual e na teoria das criações fluidicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Esse objeto não é para nós senão **uma aparência, para o Espírito é uma realidade.** Foi assim que um Espírito, morto há pouco, se apresentou um dia numa reunião espírita a um médium vidente, **com um cachimbo na boca, fumando.** [...] O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o vidente bem

entendido, e não para os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são precisos objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. **O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo** que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay **querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária**. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam contentar-se com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc.

[...].

Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o **mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos**. Há a se notar que os **Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, operam essas criações** sem se darem conta da maneira pela qual se produz neles esse efeito; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão nem um camponês dizer como produz o trigo. ⁽⁸⁴⁾

É importante ressaltarmos que, inúmeras

vezes, Allan Kardec utilizava a expressão “fluido perispiritual” como sinônimo de perispírito.

Se as criações fluídicas são produto do perispírito, então nós as imaginamos como algo “colado”, se assim podemos dizer, a ele, não um produto à parte se comportando à maneira de um ser vivo, animado e demonstrando agir por conta própria.

As criações fluídicas têm relação direta com o pensamento de algum Espírito, assim é que não provando a existência delas nas proximidades desse agente, não há que se falar em criações fluídicas.

Ademais, algumas vezes, vai depender do que o pensamento do Espírito esteja criando, elas são realidades somente para ele e não para os que, porventura, se encontram por perto. Acreditamos que é o que se pode concluir desta fala de Allan Kardec constante da ***Revista Espírita 1866***:

[...] em seus momentos de emancipação das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões ditas fantásticas. **Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma ideia, seu pensamento pode**

criar-lhe uma imagem fluídica que, para ele, tem todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, **embora a coisa não exista por si mesma**. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a Sra. Cantianille. Preocupada com o relato que lhe fizeram do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais eles se apoderam das almas, das torturas dos danados, **seu pensamento lhe criou um quadro fluídico, que só tinha realidade para ela.** ⁽⁸⁵⁾

Em nenhuma das obras, que usamos nessa pesquisa, encontramos Espíritos criando “fantasmas-animais”. Todas as manifestações e materializações de animais que ocorreram, os que as viram tinham alguma ligação afetiva com o animal envolvido no fenômeno, não identificamos nenhum Espírito criando tais animais.

Vejamos o que disse Ernesto Bozzano no Prefácio de ***Os Animais têm alma?***:

Para a outra classe de fenômenos e precisamente para a das aparições de fantasmas de animais, **supõe-se um fenômeno de alucinação pura e simples da parte do percipiente**, mas a análise comparada dos fatos mostra que, muitas vezes, os fantasmas animais

são percebidos coletiva e sucessivamente. Elas são, além disso, identificadas com as de animais que viveram e morreram na localidade, e mais, que **os percipientes ignoravam que esses animais, vistos nessas condições tivessem existido.**

Assim sendo, é preciso concluir que, de modo geral, as duas hipóteses de que acabo de tratar são insuficientes para considerar os fatos. Essa conclusão é de grande importância teórica, pois que ela **nos força a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades supranormais que existem na subconsciência humana e, ao mesmo tempo, ela nos leva a reconhecer a possibilidade de “aparições verídicas” de formas ou almas de animais.** (86)

Diante dos fatos, muito bem concluiu Bozzano: “Resulta daí todo o valor científico e filosófico deste novo ramo das pesquisas psíquicas. [...]” (87)

Tendo o vocábulo “ideoplastia” o mesmo significado que “criações ou imagens fluídicas”, então, torna-se necessário mencionarmos a obra **A Grande Esperança**, para vermos as colocações de Charles Richet:

Não há somente materialização de homens, **também há materialização de animais...** De

minha parte, com Guzik consegui uma que foi realmente espantosa.

Em Varsóvia, numa sala fechada à chave, apareceram, iluminadas por um vago luar, duas formas de indivíduos fantasmagóricos, dos quais não se viam as faces. Conversavam entre si em polonês. Um disse: **“Por que trouxeste teu cão?”** Nesse momento **ouvimos na sala o trote de um cão. Senti o cão aproximar-se de mim e morder gentilmente meu tornozelo**, aliás sem me magoar. **Foi tão nítido que pude distinguir ser um pequeno cão do qual eu sentia os pequenos dentes pontiagudos.** Depois o **cãozinho aproximou-se de Geley e mordeu-o com mais força, de sorte que Geley disse: Basta, basta!** ao que censurei energeticamente. Ele deveria dizer: *Mais, mais!*

Outra vez, Kluski sendo o médium, aliás em minha ausência, **houve materialização de uma enorme águia e uma surpreendente fotografia foi tirada.**

Supuseram, pois, que tivesse havido uma ideoplastia, palavra criada por Durand de Gros. **A ideoplastia seria a criação de um objeto material provavelmente transitório pela força do médium cuja ideia se tornaria uma realidade objetiva.** ⁽⁸⁸⁾ (itálico do original)

Esse episódio já o mencionamos, quando o nome de Gustave Geley (1868-1924) foi citado. Aqui queremos apenas mencionar que foi visto como

sendo a ocorrência de uma ideoplastia, definida como a criação de um objeto material pela força do médium cuja ideia se tornaria uma realidade objetiva.

Vejamos o que Richet entendia como realidade objetiva:

Para que multiplicar as narrações de aparições de fantasmas?

Que há fantasmas, isso é tão certo como se eu dissesse há estrelas.

Não se pode chamar de fantasmas às imagens que vemos em sonhos, que aparecem durante o sono ou o sonambulismo.

Elas não têm mais realidade material do que as fantasias de nossos sonhos e de nossos pesadelos. Não são fantasmas.

Mas os verdadeiros fantasmas são os que têm uma realidade objetiva, com roupas, um uniforme, um boné, rendas, etc., etc... Os olhos movem-se, a voz é ouvida, há exalações de ácido carbônico. Todos os assistentes podem vê-los, eles podem ser fotografados e movem objetos. **Nenhuma diferença entre esses fantasmas e um ser vivo**, a não ser que, algumas vezes, ele desapareça, se atenua, fugindo *ceum fummus in auras*. Ele se forma de um vapor e se reduz em vapor. ⁽⁸⁹⁾

No caso do cãozinho, a questão de ser uma realidade objetiva deve ser entendida como a sua manifestação na qual puderam sentir a sua presença pelo barulho que caracterizava seu trote, bem como por sua ação em morder os dois personagens, ou seja, Richet e Geley.

Consequentemente, como esse cãozinho-fantasma demonstrou ter vontade própria é óbvio, que ele não é pura e simplesmente uma criação fluídica tipo uma imagem ou fotografia, mas a real materialização de um animal que agiu conforme sua vontade.

Um pouco mais à frente, explica Richet:

Materializações de animais também são **ideoplastias**, como por exemplo, quando **Geley e eu fomos mordidos por um cão** (que sentimos, ouvimos e não vimos). Uma bela ideoplastia é a que foi produzida por Kluski. Foi fotografada **uma águia com as asas abertas**, voando por sobre sua cabeça. ⁽⁹⁰⁾

Sobre as materializações de animais por que Richet disse “também são ideoplastias”? Simplesmente, porque para ele as materializações

de pessoas humanas eram consideradas como tal, ou seja, como ideoplastias.

Retornando a Bozzano, porquanto não podemos deixar de citar este seu pensamento contido em ***Os Animais Têm Alma?***:

Prevejo a objeção que se poderá fazer-me a respeito: a de que os fenômenos de materialização humana, **tanto como os fenômenos de materialização animal**, são explicáveis pela **hipótese ideoplástica** sem que se precise recorrer à hipótese espírita. Respondo que, se a hipótese ideoplástica é suficiente para considerar certas modalidades rudimentares de materializações humanas e animais, se ela é verdadeiramente a causa desses fenômenos, **seria, ao contrário, absurdo e insustentável estender-se essa explicação à classe toda inteira dos fenômenos considerados**. A esse respeito, nunca será bastante repetir que “animismo” e “espiritismo” são bem dois termos inseparáveis de um mesmo problema e que, **por consequência, nas manifestações de todas as espécies, achar-se-á forçosamente em face de modelos de manifestações que são, em parte, “anímicas” e, em parte, “espíritas”**. E não poderia ser de outro modo e seria mesmo absurdo pretender-se o contrário, considerando-se que, em ambos os casos, o espírito que opera é o mesmo, com esta diferença todavia que, em um caso, ele se acha em condição de encarnado e, no outro, de

desencarnado. [...]. (91)

No próximo capítulo, trataremos das manifestações de espíritos de animais, partindo da Codificação para depois citar outras fontes.

Para finalizar, traremos as explicações de Rodrigo Cavalcanti de Azambuja, constantes de ***Animais e Espiritismo***, cap. Animais no Mundo Espiritual, das quais queremos ressaltar a questão das “criações fluídicas”:

Admitindo-se a existência de um princípio espiritual em nossos irmãos “inferiores”, outra questão surge, exigindo nossa reflexão: **existem animais no mundo espiritual?** E a resposta da questão 600 de *O Livro dos Espíritos* nos diz que **SIM, há animais no mundo espiritual, mas estes não se encontram livres, ou seja, não estão na erraticidade propriamente dita.** Contudo, em algumas descrições do mundo espiritual feitas por André Luiz, este nos descreve a sua surpresa com a presença de variados animais como “Aves de plumagens policromas que cruzavam os céus e animais domésticos, entre as árvores frondosas”, o que parece contradizer a resposta de *O Livro dos Espíritos*.

Se nos aprofundamos um pouco mais no assunto, **somos obrigados a admitir que em**

alguns destes casos as “aparições” de animais podem ser criações mentais plasmadas pelos espíritos com algum fim ou utilidade, sejam cães, aves, para ambientação, e até mesmo os estranhos animais que algumas vezes acompanham irmãos menos evoluídos em regiões umbralinas.

Mas é claro que nem todos os casos são de criações mentais, e animais certamente são encontrados no mundo espiritual quando há utilidade para eles, notemos bem que a resposta da espiritualidade é “utilizados quase imediatamente” e não instantaneamente. Há, pois, a, um lapso de tempo que a resposta não permitiu medir nem padronizar, portanto, variável de acordo com o caso e a necessidade. [...]. (92)

Sim, pode haver algumas criações fluídicas, mas o problema surge ao se generalizar, pois passa a contrariar os fatos que são narrados em variadas obras de cunho mediúnico ou de produção intelectual de destacados pesquisadores.

Sobre o tema recomendamos a nossa pesquisa inserida no ebook ***Criações fluídicas: Um Breve Ensaio***, na qual desenvolvemos mais o tema. Está disponível em nosso site (93).



Manifestações de espíritos de animais

Por haver possibilidade de Espíritos se apresentarem com aparência de algum animal, alguns confrades julgam que isso é a regra para todas as aparições. Apresentaremos vários casos de manifestações de Espíritos de animais que não restará dúvida alguma quanto a realidade delas.

Talvez a base para a generalização se encontra nas seguintes obras:

1ª) ***Revista Espírita 1858***

Do artigo “Das aparições”, transcrevemos o 5º parágrafo:

O perispírito, separado do corpo, afeta uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, mas não é constante; **o Espírito pode dar-lhe, à sua vontade, as aparências mais variadas e até a de um animal ou de uma chama**. De resto, isto se concebe muito facilmente. Não se veem homens darem, ao seu rosto, as expressões mais diversas, imitarem, ao ponto de enganarem, a voz, o rosto de outras

peçoas, parecerem corcundas, coxos, etc.? Quem reconheceria na cidade certos atores que não se vira senão caracterizado no palco? Se, pois, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, com mais forte razão o Espírito pode fazê-lo com um envoltório eminentemente flexível, e que pode prestar-se a todos os caprichos da vontade. (94)

2ª) **O Livro dos Médiuns**

Na 2ª parte, cap. VI - Manifestações visuais, item 100, questão 30, temos Allan Kardec fazendo a seguinte pergunta: **“Os Espíritos poderiam apresentar-se sob a forma de animais?”** Em resposta disseram:

Isto pode acontecer, mas **somente Espíritos muito inferiores tomam** essas aparências. Em todos os casos, a **forma animalesca** não passará de uma aparência momentânea [...]. (95)

Diante dessas informações, devemos ficar sempre em alerta com relação aos relatos dando conta de manifestações de espíritos de animais, para bem separar o joio do trigo.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio,

encontramos o artigo “Manifestação do Espírito dos animais” no qual o Codificador faz referência a uma carta, que lhe foi enviada por um correspondente da cidade de Dieppe, em que reporta o caso da manifestação da cadelinha Mika:

Escrevem-nos de Dieppe:

“... Parece-me, caro senhor, que tocamos numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. Não sei que pensar de **um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa.** Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.

“Agonizante **meu pobre filho**, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, **tivera de um de seus amigos uma encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.

“Depois do decesso de seu jovem dono **a pequena Mika** (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentemente coberta aos meus pés, sobre minha cama. No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido, e compreendendo o que ela desejava, permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu**, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara. **Falamos frequentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado**, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa afeição.

“Ultimamente, pelo meio da noite, **estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa**. Fui de tal modo tocado com isso, que **estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim**, e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã, contei o fato à minha mulher que me disse: **‘Ouvi a**

mesma voz, não uma única vez, mas duas. Ela parecia partir da porta de meu quarto. **Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta,** e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa.'

“Minha pobre filha doente, que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, afirma tê-la ouvido igualmente. Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

“É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. **Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez,** que, mesmo no silêncio da noite, não posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

“Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disso? Não ousou nada decidir e não

tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas **me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana.** Quem sabe? **Conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará as leis das afinidades? Quem explicará as leis repulsivas? Ninguém.** Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. **Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?** Mas **o som de voz, dir-se-á, como admiti-lo, se se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias?** Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em química certos efervescentes, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, acrescentarei que constato **um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir.** Além disso, **esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza.**”

Nosso honrado correspondente **age sabiamente ao não decidir a questão**; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade, **não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça.** Assim o quer a prudência. **Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.** A questão do princípio e do fim dos princípios dos animais começa somente a se esclarecer, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem. **Parece, de resto, positivamente provado que há animais que veem os Espíritos e por eles são impressionados;** disso temos narrado vários exemplos na *Revista*, entre outros o do *Espírito e o pequeno cão*, no número de junho de 1860. **Se os animais veem os Espíritos, isso não é evidentemente pelos olhos do corpo; eles têm, pois, também uma espécie de visão espiritual.**

[...] Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado,**

pareceria provar o contrário. ⁽⁹⁶⁾ (itálico do original)

Observa-se que, em seus comentários, Allan Kardec também reforça a questão de que os animais veem os Espíritos. Além disso, ainda temos estes dois pontos de seus comentários que merecem destaque:

1º) “age sabiamente ao não decidir a questão; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade”;

2º) “Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.”

Julgamos que o Codificador não fechou questão quanto ser impossível as manifestações de animais, considerando que inicia dizendo “entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais” para concluir que “essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário”. Ou seja, esse caso, em princípio, provaria que os animais podem se manifestar, ainda que até aquele momento, nada tenha sido

confirmado sobre essa questão.

E, bem consciente, Allan Kardec afirma que: “Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.” completando “a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la.”

O que fica bem claro para nós, é que o Mestre de Lyon deixa porta aberta para que no futuro, quando os casos se tornarem bastante numerosos, venha ser elaborada uma teoria.

Ao longo dessa nossa pesquisa, apresentaremos várias manifestações de animais, assim já não seria “um único fato”, como dito por Allan Kardec.

Após a leitura da carta do correspondente de Dieppe, ocorreu uma comunicação através do médium Sr. E. Vézy, da qual destacamos o seguinte parágrafo:

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco

a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. **Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor**, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. **A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira**, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. Ser-nos-ia, pois, **difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula**, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. (97)

Interessante a correção “ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula”, já que o Espírito manifestante admitiu a possibilidade da comunicação de animais: “A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira...”

Imediatamente após a essa mensagem, o Codificador insere esta nota:

Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido **ter recebido comunicações de diversos animais**. Como explicação do fato precitado, **sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros**. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; **até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo.** ⁽⁹⁸⁾

Allan Kardec não disse que as manifestações de animais não poderiam ocorrer, prudentemente, considerou que, apesar de ser uma teoria racional e que, pelo fundo, concorda com as instruções dadas na maioria dos centros espíritas, seria ainda necessário passá-las pelo Controle Universal, e que “até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo”.

Isso é importante, pois, como já o dissemos, muitos de nós estamos sempre fechando questão

sobre determinado ponto, nos esquecendo de tudo aquilo que o Codificador do Espiritismo disse a respeito, conforme já abordamos no capítulo “Considerações Iniciais” ao responder à questão “O Espiritismo teria um ponto final?”.

Encontramos algo importante na obra ***Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo***, de autoria de Paulo Henrique de Figueiredo, na parte que menciona a ida de Canuto Abreu (1892-1980), no ano de 1921, à França, onde ele conseguiu examinar vários documentos que pertenceram ao Codificador. Vejamos a seguinte narrativa:

A leitura levou **Canuto** aos bastidores da elaboração da Doutrina Espírita, à intimidade de Kardec e de alguns pioneiros. Cadernos de diferentes tamanhos, folhas avulsas, recortes de jornais, originais das obras publicadas, mensagens conhecidas e inéditas, **pastas de papelão com documentos cronologicamente selecionados**. Alguns amarelados pelo tempo, outros fatigados pelo uso.

Continua todo o museu espírita. Os quadros e objetos passaram a terceiros. Mostrando as prateleiras do armário aberto em suas duas portas, mostrou os dossiês, a velha caneta, os antigos

livros pessoais de **Kardec**. **Ele escrevera na capa de algumas pastas:** Minhas supostas vidas anteriores e missão atual; Atas das sessões da Sociedade Parisiense, muitas lavradas de próprio punho pelo professor; Autobiografia de Espíritos célebres; Notas e livros antigos e modernos; Comentários às críticas favoráveis ou adversas; Dados para a história do Espiritismo; **Notas às cartas de Lavater; Fatos e comunicações sobre alma de animais;** História espírita de Jesus; Previsões e sonhos míticos. (99)

Achamos bem interessante a existência da pasta “Fatos e comunicações sobre alma de animais” será que nela já não haveria documentos com fatos que viessem a comprovar a manifestação póstuma de animais?

No ano de 1924, Cairbar Schutel publicou o livro, já mencionado, **Gênese da Alma**, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

O CÃO BOBY DO DR. JORGE GRAESER

Nosso grande mestre Camille Flammarion, autor da incomparável obra *Deus na Natureza*, publicou na *Scena Illustrata*, de Florença, uma interessante narrativa que cabe muito bem neste livrinho, pois é um caso típico das “**manifestações póstumas dos animais**”, de que falamos. Vamos transcrever

ipsis verbis o relato de uma dessas manifestações bem como a conclusão que o ilustre sábio tira da mesma:

“Um dos meus jovens colegas da Sociedade Astronômica de França, **Jorge Graeser**, possuía um soberbo cão chamado **Boby**, o qual lhe era muito afeiçoado. Era um **São Bernardo**, um colosso que atingia a altura de 1 metro e 80 centímetros, quando se erguia sobre suas patas traseiras para abrir a porta ou para brincar com o seu dono.

“Quando este estudava, **o cão** ficava silenciosamente estendido a seus pés; seguia-o nos passeios, e **não o deixava um instante**, nem durante as observações astronômicas. Mas tanto quanto era afeiçoado ao seu dono, assim se mostrava hostil à mãe deste, que não o tolerava, e aos estranhos, que recebia ladrando furiosamente.

“Uma tarde, perto das 19 horas e meia, J. Graeser encontrava-se em seu gabinete, absorvido em um cálculo astronômico, quando **ouviu abrir a porta e viu seu afeiçoado companheiro; Boby parecia sofrer muito e permanecia imóvel junto à porta.**

“**O dono chamou-o**, mas o cão não se movia. Chamou-o novamente, e então **o cão foi roçar-se nas pernas do dono e estendeu-se a seus pés. Graeser quis acariciá-lo, porém sua mão agitou-se no vácuo: nada de palpável encontrou. Boby só era uma sombra!** Maravilhado e inquieto buscou-o por toda a parte. Depois **pensou que o teriam matado**, e teve o pressentimento de que,

talvez, sua mãe o houvera mandado matar. Comunicou-se por telefone com o lugar onde se sequestram cães, e, efetivamente, disseram-lhe que Mme. Graeser o havia levado lá, e que **o cão fora morto momentos antes.**

O instante da morte coincidiria com o da aparição! ⁽¹⁰⁰⁾ (itálico do original)

Teria Bobby, no momento da morte, “pensado” em seu dono, e com isso sua alma, totalmente livre da prisão no corpo físico, se transportou até onde Jorge Graeser se encontrava?

Essa é uma hipótese bem interessante, que não nos causa estranheza. Aliás, a nosso ver, ela é bem factível.

O escritor francês Jean Prieur, em ***A Alma dos Animais*** (1986), na segunda parte intitulada “A alma sobrevive e se manifesta”, relata 13 casos interessantes de manifestações de espíritos de animais; em dois deles os animais ainda estavam vivos. Destacamos o caso de Polka, em cuja narrativa lemos o seguinte:

A história de Polka, que a Sra. Luce Vincens-Marty escreveu para a revista *L’Inconnu*, é a mais

incrível, a mais bela que conheço.

Polka era uma cachorra vira-lata que recusava a hospitalidade dos seres humanos (o que sugeria que ela tinha sofrido por um deles). No entanto, **ela tinha simpatia por nós** e vinha todos os dias buscar a comida que tínhamos preparado para ela. Ela tinha a sua residência em uma carreira no fundo da floresta, e todos em nossa cidade a conheciam. Podíamos acariciá-la, mas ela gostava de sua vida nômade e ia embora imediatamente após ter comido.

Num domingo, dia de festa na cidadezinha, tínhamos reservado para ela uma carcaça de pato, regozijamo-nos de sua alegria por este prato incomum. Mas Polka não apareceu. No dia seguinte, tampouco; nossa preocupação estava no máximo, porque **várias vezes nós três ouvimos gemidos na porta, seguidos por um arranhão**. Levantávamo-nos às pressas e não víamos nada, a não ser a rua vazia. Preocupada, minha filha pegou sua bicicleta e foi para o bosque, onde ela encontrou o professor e lhe explicou seus medos, foi aí que ele respondeu: – Como, você não sabe? **O pobre animal foi vítima de um motorista** que tinha bebido demais, e que bateu nela. Ela teve a traseira esmagada e acabou em um matagal.

Naquela mesma noite, os gemidos tornaram-se a ouvir à nossa porta. Não aguentando mais, meu marido e eu pegamos uma lâmpada elétrica e fomos para a floresta. Andamos por todos os lados. **E foi aí que para**

responder às nossas chamadas ouvimos gemidos bem baixinhos. Chegamos a uma escavação de pedra aonde **vimos o cadáver ensanguentado de Polka com três filhotes pendurados nos seus seios. Um deles ainda estava vivo.** Pegamo-lo e meu marido foi buscar uma pá para enterrar a cadela valorosa. Estimulado pelo fogo e leite quente, o pequeno foi salvo, e **nunca mais o fantasma de Polka voltou a assombrar nossa casa.**

Quero acrescentar que meu marido não é facilmente convencido, mesmo assim ele tinha certeza de que **a alma do cão veio chamar nossa atenção para salvar seus filhotes.**

Há tudo **nesta história:** a existência e a sobrevivência da alma animal, **a alma amorosa, inteligente, e grata... e preocupada.**

Mas a alma não é um simples vapor, ela possui um corpo sutil, que pode ser bastante materializado para que Polka conseguisse choramingar e arranhar a porta de seus protetores.
(¹⁰¹)

É um caso bem comovente, pois demonstra o amor e a preocupação da cachorrinha vira-lata Polka, que, plenamente viva e consciente no plano espiritual, busca proteger os seus filhotes ao fazer de tudo a seu alcance para que, de alguma maneira, eles fossem resgatados. Sua ação conseguiu salvar

um deles, e a partir daí não mais se manifestou, como se ela tivesse dado por terminada a tarefa a que se propos.

Será que, também aqui, poderíamos aplicar este famoso dito popular, que todos nós conhecemos: “Mãe, é mãe”?

A jornalista e pesquisadora de fenômenos psíquicos Theresa Cheung faz referência a espíritos de animais na obra ***Existe Vida Após a Morte*** (2014). Diz que o seu objetivo, em relação a essa obra, foi o de “simplesmente apresentar as evidências que reuni durante os mais de 25 anos em que venho escrevendo e pesquisando sobre o mundo psíquico” (102).

Do tópico “Amigos de quatro patas” do capítulo 6. Sinais, transcrevemos os seguintes itens:

1) Tigerlily

Tive alguns gatos na vida, mas a gata que era mais chegada a mim definitivamente tinha uma conexão psíquica comigo. Ela sempre sabia quando eu estava voltando para casa, embora meus horários fossem irregulares. Ela ficava inquieta quando eu não estava em casa; nós

compartilhávamos um vínculo muito próximo, e ela me proporcionava muito conforto e alegria. Ter gatos me ajudou muito a superar o fim do meu casamento de vinte anos.

*Oito anos atrás uma amiga me deu dois gatinhos, um gato e uma gata da mesma ninhada. Eram ambos adoráveis, e eu os chamei de Tigerlily e Freddie. **Tigerlily era uma gatinha com listras de tigre, e ela e eu nos tornamos inseparáveis. Ela foi minha companhia constante durante sete anos, e os dois gatos foram comigo quando me mudei da Austrália para a Nova Zelândia. Dois meses depois que cheguei à Nova Zelândia, **Tigerlily de repente ficou doente e morreu** (apesar dos esforços dos veterinários), e eu nunca senti tanta tristeza. Mesmo agora, dez meses depois, ainda choro a sua perda.***

*Desde que a perdi **ela me apareceu várias vezes em sonhos**, e passamos algum tempo juntas nesse nível onírico. **Uma vez acordei e a senti deitada sobre meus pés, embora ao olhar não houvesse nada. Também senti uma parte mais funda na cama, como se ela tivesse pulado ali, como costumava fazer quando chegava a hora de dormir.** Ela parecia estar me tranquilizando de que está em outra forma agora, está bem e quer me confortar. Ainda tenho meu Freddie cinzento e malhado, e ele é um grande conforto para mim. Ele também sentiu muito a perda de Tigerlily, pois nunca se haviam separado desde que nasceram. Perder Tigerlily fortaleceu o nosso vínculo, e era isso que ela teria desejado. (103) (itálico do original)*

2) Morrendo

*Eu estava atraindo problemas quando decidi chamar **um gato preto de Poe**. Mas, diferentemente do felino da arrepiante história “O gato preto”, do mestre das histórias macabras Edgar Allan Poe, meu Poe veio para me consolar e inspirar.*

*Longe de ser sombrio e taciturno, Poe foi meu pequeno raio de sol. Ainda estou para encontrar um gato mais amigável e agradável. Só fiquei quinze curtos meses com ele. Um verão e um Natal compartilhados e guardados no coração como um tesouro – isso foi tudo. **Ele morreu em meus braços** depois de ser atropelado por um carro, e rapidamente estava tudo acabado. Desesperado, vi a luz desaparecer de seus olhos. Meu Poe havia ido embora.*

*Ou assim eu pensei! A vida pode ter acabado com Poe, mas Poe não acabou com a vida! Chorei dia e noite, mal conseguia falar, as palavras ficavam entaladas na minha garganta, como que paralisadas pela dor. Então algo maravilhoso e totalmente inesperado aconteceu. **Meu Poe voltou para mim na forma de espírito**. Eu estava na estufa, consumido pela tristeza, quando aquele lugar de repente se encheu com a presença de Poe. Foi como se ele tivesse entrado ali. A sensação foi tão forte que me inclinei para a frente, meio que esperando tocar seu pelo. De imediato me senti animado e encorajado. Eu não estava esperando por isso; não havia desejado que acontecesse. O próprio Poe escolheu esse*

momento para voltar para mim, para aliviar minha tristeza. Eu devia saber que um gato tão adorável não iria me deixar sofrendo. (104) (itálico do original)

3) Seguindo em frente

*Com relação às experiências da vida após a morte com animais, **fui visitada por minha pequena Jack Russell, Ginny, algumas semanas após sua morte.** Fiquei com o coração em frangalhos quando ela morreu, embora soubesse que, assim como os seres humanos, os animais “partem”.*

*Acordei certa manhã e estava pensando em me levantar para me aprontar para trabalhar, embora meus olhos continuassem fechados. No entanto, eu estava completamente desperta. **De repente senti o impacto familiar de Ginny pulando na cama. Eu podia vê-la muito claramente de olhos fechados, e seu focinho ria para mim. Estendi a mão e a senti fisicamente, e realmente acariciei seu corpinho quente.** Durante uns trinta segundos continuei deitada e a acariciei, e então sua presença física pouco a pouco desapareceu. Devo enfatizar que, embora mantivesse os olhos fechados, eu estava totalmente acordada.*

*Outra adorável experiência que tive o privilégio de vivenciar aconteceu quando **a moça que me aplicava reiki, Tracy, perdeu Charlie (uma cadela, apesar do nome!).** Eu nem sabia que ela tinha um cão, mas, quando fui até lá para minha sessão mensal, ela me disse que estava um pouco*

*perturbada, pois um dos seus clientes lhe havia mais ou menos dito que os animais não sobrevivem à morte. Era claro que tínhamos pontos de vista bem diferentes! Alguns dias depois, eu de repente decidi dar a Tracy **um livro sobre animais na vida após a morte**. Escolhi um porque gostei da capa – uma foto de um golden retriever. Seja como for, levei o livro comigo, mas comecei a duvidar um pouco se deveria ou não dá-lo a Tracy. Será que era muito cedo? Será que ela ficaria ofendida? Decidi seguir minha intuição e lhe dei o livro ao final da sessão.*

*Ela olhou fixamente a capa por um momento e então disse: “Espere um minuto”, e desapareceu da sala de atendimento. Quando voltou, entregou-me uma fotografia, dizendo apenas: “Essa é Charlie”. Bem, os cabelos da minha nuca se arrepiaram. **A foto da sua cadela era uma imagem exata da foto da capa do livro!** Eu nem sabia que Charlie era uma golden retriever – e a foto era uma reprodução exata dela, até mesmo a expressão dos olhos e a posição da cabeça. **Tracy mostrou o livro para a filha, que estava sofrendo muito com a perda da cadela com a qual havia crescido, e aparentemente tinha rezado pedindo um sinal de que Charlie estava bem. Tanto Tracy como eu acreditamos que Charlie me deu uma cutucada para eu escolher aquele livro, sabendo que ele ajudaria sua família a enfrentar a perda.** (105)*

Após esses casos, conclui Cheung:

Os céticos naturalmente descartam a **experiência da visitação de animais de estimação, considerando-a um pensamento gerado pelo desejo**, mas mais uma vez eu digo que, **se fosse assim, todos os que amaram e perderam um animal de estimação adorado e queriam muito vê-lo de novo não estariam relatando que seu animal voltou do túmulo para visitá-los?** Algumas pessoas que me escreveram contam que amaram diferentes animais de estimação no correr dos anos, mas nenhum retornou, embora elas tivessem desejado ansiosamente que o fizessem. [...]. (106)

No parágrafo seguinte, arremata confessando que: “Depois que minha gata Crystal morreu, eu com frequência sinto sua presença ou o roçar de seu corpo nas minhas pernas.” (107)

Finalizamos, utilizando desta frase Allan Kardec publicada na **Revista Espirita 1865**:

[...] **O Espiritismo não desdenha nenhum fato**, por mais medíocre que seja em aparência; ele os espia, **os observa e os estuda todos**; é assim que progride a ciência espírita, **à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria; se eles se contradizem, procura-lhes uma outra explicação.** (108)

Assim, para o Codificador se os fatos contradizem alguma coisa no Espiritismo, devemos procurar outra explicação, portanto, no seu aspecto de ciência, ele é progressivo e não estacionário como alguns, inadvertidamente, querem que ele seja.

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt